



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA - CESUPI

FACULDADE DE ITAITUBA - FAI

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

THAMIRES BARBOZA RODRIGUES

**PANDEMÃE – MATERNIDADE, TRABALHO E FORMAÇÃO NO
CONTEXTO DA COVID-19: Construindo sentidos a partir das
vivências das acadêmicas de Pedagogia da FAI, Itaituba-PA**

ITAITUBA – PA

2022

THAMIRES BARBOZA RODRIGUES

**PANDEMÃE – MATERNIDADE, TRABALHO E FORMAÇÃO NO
CONTEXTO DA COVID-19: Construindo sentidos a partir das
vivências das acadêmicas de Pedagogia da FAI, Itaituba-PA**

Monografia de Graduação do Curso de Licenciatura Plena
em Pedagogia apresentada à Faculdade de Itaituba para
obtenção do título de Licenciada Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Mestra Elina Renilde de Oliveira Ribeiro.

ITAITUBA – PA

2022

RODRIGUES, Thamires Barboza.

PANDEMÃE – MATERNIDADE, TRABALHO E FORMAÇÃO NO CONTEXTO DA COVID-19: Construindo sentidos a partir das vivências das acadêmicas de Pedagogia da Fai, Itaituba-PA/THAMIRES BARBOZA RODRIGUES - Itaituba: CLPP da FAI, 2022.

63 Fls.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de Pedagogia, Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba, BR-PA, 2022.

Orientadora: Prof^a Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Me.

1. Maternidade, Trabalho e Formação. 2. Pandemia da Covid-19. I. RIBEIRO, Elina. II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR-PA, 2022.

THAMIRES BARBOZA RODRIGUES

**PANDEMÃE – MATERNIDADE, TRABALHO E FORMAÇÃO NO CONTEXTO DA
COVID-19: Construindo sentidos a partir das vivências das acadêmicas de
Pedagogia da FAI, Itaituba-PA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura
Plena em Pedagogia da Faculdade de Itaituba para
obtenção do título de Licenciada Plena em Pedagogia,
sob a orientação da Prof^a Mestra Elina Renilde de
Oliveira Ribeiro.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora/Presidente da banca: _____ Nota: _____

Prof^a Me. Elina Renilde de Oliveira Ribeiro

Avaliador: _____ Nota: _____

Prof. Dr. Francisco Cláudio de Sousa Silva

Avaliadora: _____ Nota: _____

Prof^a Esp. Edilane da Silva Melo

Resultado: _____ Média: _____

Itaituba-PA, 20 de julho de 2022.

A Deus pela dádiva a vida, e por me permitir vencer todas as adversidades que surgem no meu caminho; a minha mãe, Marta de Jesus por me incentivar sempre; ao meu filho Antony Lucca, que veio para me mostrar que o amor de mãe é o mais puro e sincero sentimento que já pude vivenciar até hoje.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um gesto de carinho. Por esse motivo quero agradecer a Deus por me permitir viver cada etapa da minha vida até aqui, pela força e a coragem para lutar todos os dias pelo que acredito e alcançar o que almejo.

A minha querida e amada mãe, **Marta de Jesus**, por ter me dado à vida e por nunca me abandonar nos momentos em que mais precisei e em nenhum momento me permitir desistir dos meus sonhos.

Ao meu filho, **Antonny Lucca**, que veio como uma luz para me guiar e mostrar que além de todo o amor já vivido, o amor de uma “MÃE” é o mais prazeroso e verdadeiro já experimentado por mim.

A minha prima, **Maria Daguia Barbosa**, por me ajudar quando precisei no decorrer deste trabalho e por sempre dizer que eu iria conseguir.

Um agradecimento especial a minha orientadora, a professora Mestra **Elina Renilde de Oliveira Ribeiro**, que ao longo desse processo foi paciente e compreensiva e sempre esteve disposta a me ajudar para que eu pudesse concluir este trabalho com aproveitamento, a mesma o meu mais sincero carinho e admiração.

Aos meus colegas e amigos que compartilhei momentos, e que conseguimos juntos vencer toda essa caminhada.

Finalizo agradecendo a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização deste trabalho.

A história nos ajuda a compreender que, contra a engrenagem da repetição, contra o retorno da adversidade, há o desejo de autonomia e igualdade. Há a vontade de rejeitar a vitimização generalizada. Há o desejo de dizer “sim” num mundo que diz “não”. Assistimos à mudança de uma ordem tão velha quanto o mundo: a dos sexos. A história está mudando sob nossos olhos. Hoje as mulheres falam, e os homens escutam (DEL PRIORE, 2020, p. 09).

RESUMO

Este estudo tem por objetivo compreender os desafios da mulher de conciliar maternidade, trabalho e a necessidade constante de formação profissional, a partir das vivências das acadêmicas de Pedagogia da Faculdade de Itaituba, considerando o atual cenário da Covid-19 em que a estudante busca construir sentidos dessa nova experiência de Pandemãe. Em termos metodológicos, este estudo deu-se de forma qualitativa e exploratória, por meio de pesquisa bibliográfica com alguns autores que discorrem sobre a tríplice jornada da mulher trabalhadora, mãe e estudante e revisitou as literaturas sobre os efeitos da pandemia da Covid-19 na vida desta mulher que teve que se reinventar. A pesquisa identificou que as acadêmicas enfrentam inúmeras dificuldades para o ingresso no ensino superior, pois todas são mães e algumas trabalham fora de casa, e o ingresso no ensino superior acaba trazendo mais afazeres, além do fato de terem que deixar suas casas e seus filhos por longos períodos. A mulher estudante de ensino superior enfrentou diversos problemas: exigências dos professores, a falta de tempo para a execução das atividades, insuficiência de tempo e de habilidades para a leitura dos textos e a assiduidade às aulas. A conciliação se tornou difícil com a pandemia da Covid-19, pois, tiveram o acúmulo das atividades e o medo do próprio vírus, e com isso veio a sobrecarga de trabalho e o abalo emocional. Entretanto, tudo isso foi vencido com muito incentivo e determinação.

Palavras-Chaves: Mulher, mãe, estudante. Pandemia da Covid-19. Acadêmicas de Pedagogia.

ABSTRACT

This study aims to understand the challenges of women in reconciling motherhood, work and the constant need for professional training, based on the experiences of Pedagogy academics at the Faculty of Itaituba, considering the current scenario of Covid-19 in which the student seeks to build senses of this new experience of Pandemãe. In methodological terms, this study took place in a qualitative and exploratory way, through bibliographic research with some authors who discuss the triple journey of the working woman, mother and student and revisited the literature on the effects of the Covid-19 pandemic on women. life of this woman who had to reinvent herself. The research identified that academics face numerous difficulties in entering higher education, as they are all mothers and some work outside the home, and entering higher education ends up bringing more tasks, in addition to the fact that they have to leave their homes and their children. for long periods. The female higher education student faced several problems: demands from teachers, lack of time to carry out activities, insufficient time and skills to read texts and attendance at classes. Reconciliation became difficult with the Covid-19 pandemic, as they had the accumulation of activities and the fear of the virus itself, and with that came the overload of work and the emotional shock. However, all this was won with much encouragement and determination.

Keywords: Woman, mother, student. Covid-19 pandemic. Academics of Pedagogy.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Perfil das entrevistadas	42
Quadro 2 – O que é ser mulher?	44
Quadro 3 – Representação do ingresso no ensino superior	45
Quadro 4 – Quem influenciou na escolha do curso?	46
Quadro 5 – Desafios vivenciados no Ensino Superior	47
Quadro 6 – Conciliação entre trabalho, estudo e família	48
Quadro 7 – Sobre a rotina dos estudos e os desafios do cotidiano de estudante.....	50
Quadro 8 – A árdua jornada da mulher e a Pandemia da Covid-19.....	51
Quadro 9 – Já se sentiu inferiorizada por ser mulher?	52
Quadro 10 – A pandemia influenciou na sua vida maternal, acadêmica e no seu trabalho?.....	53
Quadro 11 – Expectativas para o futuro.....	54

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 ABORDAGEM HISTÓRICO-SOCIAL DO MOVIMENTO DAS MULHERES POR DIREITOS HUMANOS.....	12
1.1 A EVOLUÇÃO DA MULHER: DO LAR AO MERCADO DE TRABALHO.....	12
1.2 AS MULHERES NAS MÍDIAS SOCIAIS.....	16
1.3 O DIREITO DAS MULHERES NA LEGISLAÇÃO.....	22
2 DESAFIOS NA ARTICULAÇÃO DO TRABALHO, FAMÍLIA E A FORMAÇÃO E OS IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19.....	28
2.1 MULHER, TRABALHADORA E MÃE NO CONTEXTO DA PANDEMIA.....	28
2.2 A DIMENSÃO DA MATERNIDADE E FORMAÇÃO PROFISSIONAL.....	31
2.3 ESTUDANTES NO ENSINO SUPERIOR: NOVAS POSSIBILIDADES.....	36
3 PANDEMÃE – MATERNIDADE, TRABALHO E FORMAÇÃO NO CONTEXTO DA COVID-19: CONSTRUINDO SENTIDOS A PARTIR DAS VIVÊNCIAS DAS ACADÊMICAS DE PEDAGOGIA DA FAI, ITAITUBA-PA.....	41
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	41
3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO LOCAL DA PESQUISA.....	42
3.3 VOZES DAS ACADÊMICAS DE PEDAGOGIA DA FAI.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS.....	58
APÊNDICE.....	62

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda os desafios das acadêmicas mães para cursar o Ensino Superior considerando ainda o contexto da Pandemia da Covid-19. Percebe-se no mercado de trabalho a diferença de salários entre homens e mulheres, mesmo exercendo as mesmas funções é nítida a diferença de salário recebida por ambos. A relação entre filhos e carreira é um grande desafio vivenciado por elas, pois, falta o apoio da família, falta de compreensão no trabalho, a ausência de um companheiro para ajudar nas tarefas da casa e com os filhos.

Outra questão que levanta preocupação é o cenário da pandemia da Covid-19, que fez com que as mulheres duplicassem a sua jornada de trabalho que já era muito sobrecarregada, lidando assim com o convívio contínuo com a família, trabalhos domésticos, e uma demanda exorbitante dos trabalhos que executam fora do âmbito familiar.

Este estudo tem por objetivo compreender os desafios de conciliar maternidade, trabalho e a necessidade constante de formação profissional, a partir das vivências das acadêmicas de pedagogia da Faculdade de Itaituba, considerando o atual cenário da Covid-19 em que a estudante de Pedagogia busca construir sentidos dessa nova experiência.

A elaboração do presente trabalho acadêmico deu-se de forma qualitativa e exploratória, e trata-se de um estudo bibliográfico uma vez que foi feito um levantamento das obras dos principais autores que abordam sobre a trajetória da mulher/mãe e estudante, mais especificamente durante a pandemia da Covid-19. Foram utilizados autores: Bonfim (2008), Carranza (2016), Del Priore (2020), Gomes (2020), Godinho (2016), Machado e Barros (2021), Oliveira e Cassab (2014), Lima e Moraes (2020), Silva *et al.* (2016) e Pereira e Nunes (2018), ambos autores retratam sobre a mulher, suas conquistas e dificuldades ao longo dos anos. Para a coleta de dados foi utilizado o questionário com as acadêmicas do Curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba, estado do Pará, de forma a conhecer suas concepções e dificuldades para cursar o ensino superior, considerando o contexto da Pandemia.

Este trabalho encontra-se organizado dividido em três capítulos, sendo que no primeiro foi relatada sobre abordagem histórico-social do movimento das mulheres por direitos humanos, a evolução das mulheres do lar para o mercado de trabalho, como as mulheres são vistas nas mídias sociais e os seus direitos perante a legislação.

No segundo capítulo abordou-se sobre os desafios na articulação do trabalho, família e a formação e os impactos da Covid-19. Aponta também como essas mulheres lidam com a maternidade, trabalho e a vida acadêmica diante do quadro vigente da Covid-19.

Por fim, o terceiro capítulo traz as análises dos questionários aplicados às acadêmicas do curso de Pedagogia, em que se identificaram diversas dificuldades que as mesmas enfrentam para ingressarem em uma faculdade.

1 ABORDAGEM HISTÓRICO-SOCIAL DO MOVIMENTO DAS MULHERES POR DIREITOS HUMANOS

1.1 A EVOLUÇÃO DA MULHER: DO LAR AO MERCADO DE TRABALHO

Para se entender o processo histórico da mulher até a sua inserção no mercado de trabalho, há de se voltar o olhar para os primórdios de existência da nossa sociedade onde o patriarcado imperava. São muitas as atividades realizadas por mulheres, mas nem sempre foi assim, pois eram educadas para serem mães e donas de casa. Durante a maior parte da história as mulheres já acumulavam atividades dentro e fora do lar, uma vez que ajudavam seus maridos na principal ocupação humana da época que era a agricultura, e realizavam tarefas fisicamente exigentes, como carregar água, recolher madeira entre outras.

Vários argumentos serviam para explicar tal divisão de tarefas: aos homens seriam dadas as funções mais pesadas, enquanto as mulheres seriam preservadas – decisão que assegurava a produção. Para eles, o risco de morte; para elas, a certeza da vida (DEL PRIORE, 2020, p.11).

O crescimento das famílias fez com que as mulheres perdessem ainda mais seu espaço fora do lar, tendo assim que se tornarem cada vez mais mães. Naquela época, a sociedade acreditava que somente o homem era o único provedor das necessidades familiares, ficando assim sobre a mulher os afazeres domésticos e a educação dos filhos.

O tratamento para com as mulheres era feito de outro modo, pois eram governadas pelo simples fato de serem mulheres, em uma sociedade onde o patriarcado imperava de forma nítida e viva. De acordo com França e Schimanski (2009), nesta época as mulheres deviam trabalhar dentro do lar realizando atividades de tecer, fazendo assim uma ênfase ao patriarcado. Embora fossem criadas para obedecer percebe-se que o seu trabalho era de suma importância para a vida econômica das cidades.

Neste contexto, é notável que a mulher era um ser destinado à procriação, ao lar, para agradar ao outro. Mesmo com todas essas atribuições que lhes foram dadas, por uma sociedade tão desigual entre o homem e mulher, pode-se observar que suas atividades exercidas, mesmo que de forma tão simples, ou até mesmo escondida de

seus companheiros, elas tiveram um papel de fundamental importância para com as sociedades da época.

Para Del Priore (2020), a divisão de atividades sempre existiu desde a antiguidade, a autora ressalta que essa divisão de trabalho se fazia por critérios sexuais ou por idade, ou seja, as mulheres tinham suas tarefas específicas diferentes das dos homens, e as crianças realizavam tarefas diferentes dos adultos e dos velhos. Segundo a autora, cabiam as mulheres o fardo mais pesado, pois sobre delas dependia parte essencial do sustento da família e, sobretudo, o do seu companheiro. Os casamentos serviam de alianças entre povos, para assim manter a paz e a disciplina entre ambos.

Na conjuntura histórica da mulher, como já enfatizado, ela passou por diversos empecilhos para ser respeitada, pois sempre foi tida como o sexo frágil. A todo o momento foi desvalorizada e nunca tinha o olhar da sociedade para si, pois elas eram vistas apenas como provedoras das necessidades dos maridos, dos filhos e do lar.

Para algumas teorias, a mulher sempre foi discriminada na história, reprimida, inferiorizada, por muito tempo, excluída da vida social e educativa, de sua condição de sujeito; considerada um ser frágil, passivo, que deveria ser educada apenas a fim de exercer seu papel de mãe e esposa, atuando no seio familiar. Muitos foram os movimentos e lutas para superar essa condição culturalmente imposta. Ainda são muito recentes as conquistas por seus direitos e esta ainda sofre muito preconceito e é tratada com desigualdade seja no trabalho, em casa ou na sociedade (BONFIM, 2008, p.17).

Conforme a citação, durante um longo período da história, as mulheres eram relegadas a cumprir apenas seu papel de esposas e donas de casas, sem ao menos ter a possibilidade de ingressar nos estudos ou seguir uma carreira desejada. Também Almeida (2010) ressalta que muito pouco se vê a produção de mulheres artistas, uma vez que não podiam expressar suas ideias. Entretanto, apesar da mulher ter uma longa peregrinação na busca de um espaço na sociedade, ela derrubou preconceitos e pode começar a trabalhar fora do limite doméstico e da dominação de seus maridos. Assim, aos poucos foi percebendo que tinha muitas possibilidades fora do lar.

O primeiro momento em que se foi pensado em contratar a mão de obra feminina foi por consequência da revolução industrial (1960), quando as fábricas se propuseram a contratar as mulheres com o intuito de reduzir os custos de mão de obra e assim poder moldá-las como quisessem. Assim sendo, a inserção das mulheres no

mercado de trabalho mudou totalmente a forma de pensar da sociedade sobre elas, pois os povos tinham em suas mentes a imagem de uma mulher branca e subordinada, a qual se sujeita a dominação do pai e do marido. Mesmo com todo esse avanço é notável ainda a desigualdade entre homem e mulher.

Quando as fábricas tinham operários de ambos os sexos, havia resistência de companheiros de trabalho que tinham a concorrência do baixo salário pago às mulheres. Para muitos, era uma “desleal competição”. Afinal, poderiam facilmente ser substituídos por elas. Como praticamente não existiu legislação trabalhista até a década de 1930, o que imperava à época eram os regulamentos internos para controlar a produção e resolver possíveis questões e conflitos (DEL PRIORE, 2020, p. 132).

Segundo a autora, a entrada da mulher no mercado de trabalho lhe promove muitas possibilidades, como mostrar para uma sociedade hierarquizada onde a desigualdade é muito nítida, que ela é capaz e deve ser valorizada. Assim, ela pode retirar o tabu de que o homem é o chefe da família e a esposa deve se comportar segundo o papel escrito pelo modelo patriarcal.

Nessa época da revolução industrial, pela primeira vez muitas mulheres ganharam o seu espaço fora do lar. Essa nova condição lhes promoveu a independência e autonomia, e se foi dado o pontapé inicial para a luta dos direitos das mulheres, direitos esses que levaria mais de um século para se firmar. A indústria têxtil era a que mais contratava as mulheres, mas as condições de trabalhos eram precárias e os salários inferiores aos dos homens.

O ingresso das mulheres no mercado de trabalho deu-se de forma intensa a partir da Primeira Revolução Industrial, quando a necessidade de complementação da renda familiar fez com que elas fossem introduzidas no trabalho remunerado de maneira forçada, sendo obrigadas a aceitarem desempenhar tarefas penosas e mal remuneradas (GIRÃO, 2001 *apud* VIEIRA; AMARAL 2013, p. 404).

Também durante a primeira e segunda guerra mundial incorreram na inserção das mulheres no mercado de trabalho de forma mais rápida, pois os homens iam para as guerras e elas se viam com a necessidade de sustentar a casa e os filhos. Com isso começaram a sair de suas casas e tentar uma oportunidade fora para assim suprir a quantidade enorme de homens que faltavam no mercado de trabalho.

A fábrica era uma experiência real de sons, luzes, gestos repetitivos e, para muita gente, de exploração e miséria. Em termos de trabalho feminino nesses

ambientes, nas cidades industrializadas, crescia o número de operárias. [...], nas primeiras décadas do século XX grande parte do proletariado era composto por mulheres (DEL PRIORE, 2020, p.131).

Nessa época, a mão de obra feminina era considerada mais barata incorrendo na desvalorização da mão de obra masculina que custavam mais caras. No fim das guerras, a sociedade foi pega de surpresa com a participação das mulheres no mercado de trabalho impactando toda a sociedade, pois os costumes que eram trazidos de séculos estavam sendo alterados. As mulheres que no período anterior às guerras, já não possuíam o desejo de se dedicarem somente aos afazeres domésticos, encontraram ali uma oportunidade para assumirem trabalhos tipicamente masculinos para o período.

Nesse contexto de tantas lutas e batalhas travadas pelas mulheres em busca de igualdade de direitos, vieram diversas mudanças perante a sociedade. Essas conquistas trouxeram significativas alterações nos seus papéis na convivência em sociedade, assim como de donas de casa e esposas.

Podemos destacar várias iniciativas para dar visibilidade para as mulheres de nossa sociedade nas últimas décadas e assim mostrar grandes personagens da história no Brasil. Toda a nossa cronologia é composta por um conjunto de mulheres que foram sujeitas das memórias do nosso país.

As artes plásticas no Brasil têm a marca das mulheres, pois as mesmas impressionam com tanta originalidade em suas criações, Tasilá do Amaral é uma das figuras mais marcantes do início do século XX, trazendo assim um movimento que buscou identificar os traços da comunidade e suas riquezas, e assim trazendo uma cultura do Brasil e se era pouco conhecido. Segundo Godinho (2016), ressalta que o protagonismo e a originalidade dessas mulheres revelaram movimentos de suma importância da renovação das artes brasileiras.

As mulheres sempre buscaram seu espaço e não sendo diferente na imprensa, a senhora Francisca Senhorinha da Motta no ano de 1873, causou o espanto em alguns e entusiasmo em outros, quando trouxe ao jornal um subtítulo com o nome “O sexo feminino”, causando assim sentimentos variados na sociedade da época.

Naquela segunda metade do século XIX, o Brasil ainda vivia sob o regime monárquico, no qual os direitos políticos eram limitados a um seleto grupo da elite; vigorava também o regime de padroado, através do qual a igreja Católica exercia influência direta em vários âmbitos da sociedade, dentre eles o da educação e o da moralidade (SOUTO, 2016 p. 99).

O jornal foi lançado na época em que apenas rapazes tinham o direito de cursar o ensino superior, e as mulheres o máximo que podiam eram estudar para ensinar as primeiras letras. É nítido que na época a sociedade desejava formar renomados políticos, advogados, médicos, e excelentes esposas. Certas profissões sempre foram consideradas como atividades exclusivas dos homens. A medicina era uma das atividades que eram proibidas para as mulheres, por razões de ordem moral. Segundo Prates (2008), na antiga Grécia uma mulher chamada Agnodice quebrou essa regra e se tornou a primeira mulher a exercer a medicina no mundo.

A entrada de mulheres nas escolas da Idade Média sempre foi uma tarefa muito difícil. Nas escolas onde elas eram admitidas como estudantes, suas atividades seriam somente como cirurgia ou parteiras. Essas e tantas outras dificuldades se estenderam por longos anos. “Falamos daquelas que foram as primeiras, mas seria difícil descrever tudo aquilo que as mulheres acrescentaram no desenvolvimento da medicina” (PRATES, 2008, p. 02).

Atualmente, as mulheres estão cada vez mais presentes em qualquer uma das profissões existentes, quebrando assim vários tabus de que a mulher é um ser frágil e incapaz de exercer qualquer função. Sendo assim as mulheres estão se fazendo mais presentes nos comandos das cabines de aviões, sendo impulsionadas pelas primeiras aviadoras que venceram o medo e vários preconceitos impostos pela sociedade da época. Amaral e Henkes (2021) enfatizam que deve se registrar a aviadora Tereza de Marzo, a primeira figura feminina a pilotar uma aeronave no Brasil.

Desde cedo a sociedade tenta impor quais são os papéis de cada gênero, colocando em suas cabeças que profissões devem seguir, porém essa ideia se modifica ao longo dos anos. A sociedade não imaginava que as mulheres pudessem exercer cargos destinados somente aos homens com tanta competência. No Brasil, as mulheres conseguiram mais direitos após a elaboração da Constituição Federal de 1988, onde foi acrescentada e reconhecida a igualdade e a desigualdade da pessoa humana. Esse tema de direitos da mulher na legislação será tratado mais adiante no tópico 1.3.

1.2 AS MULHERES NAS MÍDIAS SOCIAIS

A primeira vez em que se ouviu falar em mídias sociais foi no dia 30 de abril de 1923, quando o médico-legista, pesquisador de radioeletricidade Edgar Roquette-

Pinto, entusiasmado com o avanço das comunicações convenceu a alta sociedade para a criação da primeira rádio da época. Com todo esse avanço na comunicação, houve a abertura para as mulheres, em foram criados programas específicos para terem sua atenção. O papel da mídia da época era o de noticiar tudo sobre a vida das pessoas mais bem sucedidas da época, surgindo assim muitas oportunidades para as mulheres se expressarem.

Os meios de comunicação sociais conseguem atrair e influenciar, pois o que divulga faz pensar que é algo necessário, como se nossa própria realização dependesse do consumo do que é mostrado. A presença das mulheres nos meios de comunicação é incontestável. A elas são direcionados discursos, produtos, dicas e um protocolo do que é ser mulher.

Nesse cenário, Silva *et al.* (2016) ressaltam que, quando a sociedade impõe algo sobre o homem dizendo que deve agir de uma forma diferente das mulheres, existe uma pressão sobre eles para o que lhes foi imposto seja seguido. Ao longo dos anos, as mulheres foram submetidas a seguirem padrões e assim agir da forma que a sociedade ou os meios de comunicação dizem ser adequadas à postura feminina. Devem aprender gestos delicados, como se comportar em público, ter posturas, entre outros padrões que, para o povo em geral é papel de a mulher aprender e apresentá-las dignamente em sociedade.

Enquanto o homem é incentivado a agir e ter certas atitudes, a mulher, ao contrário, é reprimida para ser mais discreta e contida. Entretanto, essa educação dos corpos que somos sujeitados e que já é incorporada há muito tempo em nossa cultura, pode ter sido determinada tanto pela fisionomia quanto pela hierarquização formada pela sociedade (SILVA *et al.*, 2016, p. 06).

Percebendo então, que mesmo com as conquistas obtidas, a mulher ainda é vista como ser frágil e oprimido diante da sociedade, mesmo com todos os espaços conquistados, ainda é percebida como destinada ao lar. Para Del Priore (2020), apesar do surgimento das mídias sociais, as mulheres ainda tinham pouco espaço diante dos homens, pois para a sociedade qualquer profissão servia para as mulheres desde que ela não abdicasse de seus direitos de dona do lar, de mãe e de esposa.

O que pode ser observado é que as mídias mostram a imagem da mulher como objeto do espectador masculino. Os meios de comunicação divulgam um pensamento primitivo de posse. Ao ver essas imagens, os homens tendem a sensação de obtê-la

de alguma forma, como se aquela imagem que lhes foi mostrada por alguns instantes lhes pertencessem.

Para justificar a venda e induzir o consumo, as diferentes mídias investem nas mensagens visuais, propondo a fascinação pelo corpo da mulher. Então a mulher passa a ser vista por um “espectador”. Isto não só determina a relação do homem para com a mulher como também as relações das mulheres para consigo mesmas (SILVEIRA; RABINOVICH, 2010, p. 02).

A luta pela igualdade de direitos, desde que as primeiras feministas apareceram nas mídias, já mostra uma ideia de que se tem uma imagem a zelar, uma mulher mais resolvida e com muitas referências ainda pouco conhecidas. A história das mulheres é cercada de momentos importantes uma vez que contam com pintoras, escritoras, atrizes, cientistas que se destacaram na sociedade. Segundo Godinho (2016), a história das Artes tem uma forte marca de criação das mulheres, sua originalidade e sua presença impressionam.

Nessa perspectiva, as novas mídias e redes sociais mais atuais mostram as mulheres em outra narrativa, possibilitando assim a potencialização do feminismo devido a comunicação, e assim servindo de instrumento para gerar informação e transformação. No decorrer de toda a história se foi noticiado nome de mulheres que fazem a representação desta classe com muita originalidade, sendo mulheres guerreiras e batalhadoras que lutaram muito por seus direitos.

Pensar na produção artística de mulheres leva a refletir sobre os movimentos que elas trouxeram para romper os preconceitos de cada época, para que pudessem romper os limites que lhes foram impostos.

Como grandes chaves da participação das mulheres no mundo público a educação, o trabalho e o voto marcaram esta época. A cultura, a escrita e a arte se representam como brechas possíveis. O feminismo, abrindo este caminho no final do século XIX e primeiras décadas do século XX, anunciava que as mulheres almejavam educação e trabalho (GODINHO, 2016, p. 19).

Nesse sentido, as mulheres tiveram uma grande influência das mídias, pois foi através dos meios de comunicações sociais que puderam mostrar com mais clareza para a sociedade que tinham um grande potencial, que podiam estar trabalhando lado a lado com os homens sem sofrer nenhuma discriminação, somente pelo fato de ser mulher e de estar saindo aos poucos de um início voltado totalmente para o patriarcado.

Em articulação aos meios de comunicação sociais, as mulheres encontraram mais um aliado na busca por igualdade de direitos. Os meios de comunicação tiveram um olhar mais detalhado ao longo dos tempos, podendo assim mostrar uma mulher mais determinada por igualdade e ainda sem perder sua essência de mulher e mãe, pois é este um dos maiores medos da sociedade.

Os elementos da mídia, algumas vezes, colaboram para uma noção de término do feminismo. Ignorando a importância do movimento na atualidade, demonstram que não é necessário lutar por direitos em um cenário contemporâneo de sucesso feminino e que as reivindicações já foram todas conquistadas (LOPES, 2017, p. 18).

Hoje as mulheres são retratadas como supermulher ou como a mulher poderosa, a que conquistou sucesso e a felicidade em diferentes momentos de sua vida. Com o avanço das tecnologias, os meios de comunicação vêm ganhando mais relevância e alcance, pois as mulheres puderam mostrar suas conquistas, divulgar seus projetos e lutar por mais espaço, ampliando assim os admiradores e seguidores de suas causas.

A influência assombrosa das mídias não é novidade, o modo como muitas mulheres são retratadas em vários veículos de comunicação faz com que garotas observem desde muito cedo que o mais importante para as mulheres é a beleza exterior. Sendo assim influenciadas a uma busca constante por um ideal de beleza e uma aprovação aos olhos masculinos, como se o seu ideal dependesse disso. Loureiro (2014) ressalta que as mulheres absorvem desde cedo tudo o que lhes é mostrado, fazendo assim com que se autodenomine um objeto de desejo que deve ser avaliado de acordo a sua aparência.

Esses acontecimentos têm mais frequência do que se possam imaginar, como na publicidade de videogames, filmes, e em telejornais, onde retratam a mulher de forma submissa e hiperssexualizadas. No contexto publicitário se constrói um padrão de beleza praticamente inalcançável, sendo marcado por excessos de exigências e características contraditórias. Os anúncios trazem contornos identitários e nos dizem como devemos ser quem somos como somos na vida cotidiana.

Essa associação entre objetificação sexual e um padrão de beleza leva a consequências graves. Uma ampla literatura demonstra que a auto-objetificação feminina causa efeitos com maior vergonha corporal, maior ansiedade em relação a aparência [...] (LOUREIRO, 2014, p. 22).

Há mais de um século as mulheres são exibidas em anúncios de forma exposta, várias coisas mudaram ao longo dos anos, como propagandas celebrando a mulher moderna, mas nunca deixando de lado as suas características físicas e corporais para chamar a atenção dos consumidores. A utilização do corpo nu ou seminú tem a finalidade de atrair a atenção dos consumidores, fazendo assim a sua indução para adquirir tal produto. Evidencia-se nos anúncios de cerveja o uso do erotismo da figura feminina, destacando as curvas do seu corpo assemelhando à logomarca do produto.

Apesar das mídias sociais terem avançado ao longo dos anos em comparação com décadas passadas, em que a imagem da mulher era usada de forma mais inferior que a do homem, é notável a desigualdade de gênero. Embora tenham conquistado o seu espaço fora do lar, os anúncios ainda optam por usar sua imagem para vender produtos de limpeza ou para as crianças, fazendo assim a alusão às mesmas são as únicas responsáveis pelas tarefas domésticas e pelo cuidado com os filhos. Apesar de trabalhar e prover o sustento de sua família assim como os homens.

Segundo Schaun e Schawartz (2008) o erotismo com a imagem feminina está em todos os segmentos de comunicação, como na televisão, nos anúncios e se faz presente na internet, onde homens e mulheres buscam satisfazer seus desejos apenas olhando. O corpo da mulher é usado em diversos produtos diferentes, mas no caso da cerveja o corpo feminino está tão associado que nem ao menos o produto é mostrado. Os comerciais fazem alusão de que consumindo aquela cerveja, o consumidor também conseguirá uma mulher igual à da propaganda. É notável que o seu público-alvo seja o homem só pelo fato de usarem mulheres expondo o seu corpo.

No mundo da música também não é diferente, as mulheres continuam sendo alvo de um público machista. As letras das músicas são cheias de machismo, levando a mulher a ser subjugada enquanto seus direitos e sua sexualidade estão sendo expostos. Para Rodrigues (2017) a imagem da mulher está presente em diferentes gêneros musicais, é normal a vinculação feminina e sua sexualidade à músicas famosas que a população canta diariamente e não percebem a letra ou o que ela expressa.

Para Oliveira e Cabral (2014), as músicas colocam a mulher como objeto sexual, que se vestem para agradar o homem com o objetivo de fazerem sexo descomprometido, como a música “Pantera cor de rosa” de Munhoz e Mariano (2013) expressa:

Toda produzida, jeitinho de santinha. Ela saiu de casa doida pra perder a linha. Me chama pra dançar, eu não tô aguentando. Ela tá provocando o Munhoz e Mariano. Sabe se vestir de um jeito que o homem gosta. Vestido apertadinho da pantera cor de rosa. Pra quê? Pa dá, pa dá, pa dá, pa dá.

As músicas que estão sendo lançadas mais recentes retratam as mulheres com um objeto masculino, e fazem a apologia à violência contra elas. Oliveira e Cabral (2014) argumentam que o conteúdo dessas músicas não retrata o amor e sim um sentimento de posse, fazendo assim a desvalorização das mulheres e reafirmando a violência e o preconceito contra elas. Por outro lado, existem músicas que colocam a mulher como protagonista da história que está sendo cantada, às vezes as enaltecem, outras vezes ferem a imagem feminina.

Atualmente as músicas permitem aos ouvintes a apreciação de letras que contribuem para a formação da identidade pessoal. Músicas com caráter de ostentação, violência, exposição da mulher, consumo de bebidas alcoólicas, inúmeros relacionamentos amorosos, ganham cada vez mais destaque nas paradas musicais, o que proporciona aos ouvintes o desejo de espalhar-se nessas letras de músicas para traçar seu perfil social, sua identidade, personalidade e maneira de agir (AGUIAR; SANTOS; LIMA, 2018 p. 04).

A imagem da mulher frágil, que é tida como objeto sexual e que é totalmente dependente do homem, vem sendo desconstruída ao longo dos anos, as mulheres estão cada vez mais presente do mundo da música, assim assumindo o posto de protagonista social como sujeito da história, e quebrando os estereótipos que a elas foram atribuídos.

Percebe-se a participação das mulheres com o rompimento dos tabus na letra da música da funkeira Karol Conka e participação da Mc Carol lançada no ano de 2016, música intitulada 100% feminista que expressa:

Mais respeito/ Sou mulher destemida, minha marra vem do gueto/ Se tavam querendo peso, então toam esse dueto/ Desde pequenas aprendemos que silêncio não soluciona/ Que revolta vem à tona, pois a justiça não funciona/ me ensinaram que éramos insuficientes/ Discordei, pra ser ouvida, o grito tem que ser potente.

Com essas letras percebe-se que as cantoras querem mostrar que se faz necessário que as mulheres não aceitem a condição de ser submissas aos homens. Pelo contrário, devem mostrar seu lugar de destaque na sociedade e trazendo à tona todas as qualidades que as mulheres têm, e que podem sim usar sua voz para clamar por justiça, e por equidade.

1.3 O DIREITO DAS MULHERES NA LEGISLAÇÃO

Durante a trajetória das mulheres foram travadas muitas lutas pela garantia de seus direitos, sendo muitas das vezes silenciadas, esquecidas e somente há alguns anos puderam expressar suas opiniões. Todos os direitos conquistados legalmente pelas mulheres foram resultados de muitas lutas e manifestações de um grupo que não se cansavam na busca por seus direitos no decorrer do século XX.

Diante disso, as feministas vêm conquistando seu espaço e se denominando uma das principais formas de manifestação social, fazendo assim a transformação, e lutando pelos direitos das mulheres. Com o acontecimento das principais revoluções liberais é que se começa a enxergar a mulher como um ser capaz de tomar decisões e de lutar pelos seus objetivos. De acordo com Bastos *et al.* (2016), é possível observar o movimento feminista muito antes das lutas somente pelos direitos das mulheres, onde pode ser observado que já lutavam ao lado dos maridos buscando assim melhorias salariais para seus companheiros.

O movimento feminista teve sua origem nos estados Unidos na década de 1960, e logo depois se alastrou pelos países do ocidente. Sua ideia principal era a emancipação e a libertação das mulheres. No Brasil diversas mulheres participavam ativamente deste movimento contra a ditadura militar. Esse movimento passou por diversas fases, cada uma contendo conquistas importantes para a classe feminina.

Para Oliveira e Cassab (2014), o movimento feminista foi inovador para a sociedade da época trazendo para o público assuntos que não eram discutidos, fazendo assim a sugestão de uma nova forma de sociedade, com a inclusão dos direitos e dos papéis femininos, buscando assim novos conceitos e formas de fazer a política. Ser uma mulher feminista significa questionar os papéis historicamente atribuídos, é defender o seu interesse, fazendo assim a sua autonomia em relação a outros movimentos.

Com isso percebe-se que a principal luta do movimento feminista é combater a opressão a que as mulheres são sujeitadas, fazendo assim com que as mesmas alcancem autonomia e protagonismo na sociedade. Faz-se importante que as ideias e causas deste movimento se façam conhecidas por todos, a fim de que haja alguma mudança sobre a forma de pensar da sociedade para com as mulheres.

As leis que protegem as mulheres são uma forma de reconhecer que historicamente tiveram que lutar por melhores condições de vida e pela sua cidadania.

Esses direitos como se é falado, se trata das leis que garantem os seus benefícios fundamentados. As garantias surgiram com a necessidade de olhar para as mulheres como um grupo específico, que por muito tempo foi discriminado.

Na busca por esses direitos, a mulher lutou por igualdade e condições de trabalhos dignos, pois se submetiam à carga horária de trabalho de 15 horas diárias, salários baixos e maus tratos. Por conta disso, se organizaram com movimentos de protestos em países da Europa.

A partir da década de 1970, destacaram-se a luta por condições dignas de trabalho, pela igualdade de salários, pela valorização do trabalho, ou seja, a luta pela construção de uma sociedade mais igualitária e justa, onde a mulher pudesse realizar-se plenamente enquanto cidadã e ser humano (MULLER; BESING, 2018, p. 36).

Foi com esses movimentos operários e com a participação feminina que os poderes públicos criaram um discurso normativo, fazendo assim com que as mulheres parassem de lutar por seus direitos e voltassem à vida doméstica, alegando assim que elas não teriam como cuidar dos filhos. Em 1919, o salário se tornou uma preocupação mundial, nesse ano, a Organização Internacional do Trabalho (OIT), determina que homens e mulheres tenham trabalho decente, produtivo, exercido em condições de liberdade, segurança, igualdade e dignidade.

Considerando esses aspectos, é importante lembrar que as mulheres sempre estiveram presentes nas manifestações e movimentos ao longo da história, resistindo de muitas formas e tentando de todas as maneiras garantir uma vida mais digna e com direitos garantidos a sua família.

Nesse cenário, sempre desafiaram o papel feminino tradicional e combateram as diferentes formas de opressão a que estavam submetidas. Para Blay (2001), mesmo com essa participação ativa nas manifestações as mulheres nunca eram ouvidas inteiramente, sempre quando se tratava da igualdade salarial, não eram consideradas. Alegava-se que as mulheres afetariam a luta geral, prejudicando assim o salário dos homens, e no final, as mulheres só serviam para completar a remuneração masculina.

Muitas mulheres dedicaram suas vidas aos movimentos feministas, participando assim de congressos internacionais, como Clara Zetkin que, em uma de suas participações no congresso em 1910 propôs a criação do Dia internacional da

Mulher em uma data não escolhida. Depois de grandes manifestações e de graves acidentes nas empresas têxteis, pouco havia mudado nas fábricas.

O dia 25 de março de 1911 foi marcado por um grande incêndio na *Triangle Shirtwaist Company* nos EUA, onde empregava 600 trabalhadores e trabalhadoras, sendo a maioria mulheres de 13 a 23 anos. Apesar de muitos conseguirem escapar, ainda assim morreram 146 pessoas, 125 mulheres e 21 homens. Com esse acontecimento e com tantas lutas a mulher teve o seu dia reconhecido, sendo assim o dia 8 de março ficou considerado o dia Internacional da Mulher.

O Dia Internacional da Mulher, como data de forte significado para o movimento de mulheres que se desenvolvia na Europa no período de passagem do século 19 para o século 20 e, na atualidade para as mulheres de todo o mundo, não surgiu do nada, assim como todo o acontecimento histórico (GONZÁLEZ, 2010, p.49).

Diante do exposto, esse dia é de suma importância para todas as mulheres, pois é uma forma de ser lembrada e mostrar que conseguiu o seu espaço e continua lutando para que seja reconhecida não só por ser mulher, e sim pelo seu desenvolvimento em sociedade.

No Brasil, as primeiras organizações de mulheres em busca de conquistar o direito à sua educação e o seu voto surgiram na segunda metade do século XIX. Na primeira Constituição Brasileira, em 1824, quando os direitos políticos eram dados somente aos homens pela Constituição (CFB, 1824). No entanto chegou ao Congresso Nacional pela primeira vez no ano de 1891 a discussão pelo voto feminino, quando foram então influenciados pelos movimentos realizados nos Estados Unidos e Inglaterra, sendo que alguns deputados passaram a defender o voto feminino apenas para as mulheres que possuíam algum curso superior e que não estivessem sob tutela do pai. Entretanto, não tiveram sucesso, pois a sua iniciativa foi refutada por meio de argumentos preconceituosos (D'ALKMIN; AMARAL, 2006).

A Constituição de 1891 não fez menção ao direito de voto para a mulher, estabelecendo como cidadão brasileiro somente os homens (BRASIL, 1891). No entanto, mesmo sendo negada, essa primeira iniciativa ocorrida em 1891 acabou por motivos ainda desconhecidos, mas muitas mulheres se organizaram para lutar em prol de seus direitos políticos. Sendo que a primeira mulher a buscar o direito ao voto de forma organizada foi a professora Leo Linda Daltro.

Para isso, a professora Leo fundou no ano de 1910, o Partido Republicano Feminino com a intenção de trazer à tona a discussão sobre o direito do voto feminino no Congresso. No mês de novembro de 1917 organizou, ao lado de mais oitenta mulheres uma caminhada no Rio de Janeiro para que assim o assunto ganhasse força. Somente em 1931, conforme D'Alkmin e Amaral (2006, p. 07), o direito ao voto feminino teve efeito, mesmo com reservas.

No final de 1931, durante o governo de Getúlio Vargas, foi liberado um Código Provisório que permitia que as mulheres votassem. Porém, possuía limitações para esse voto, o que acabou gerando novos protestos. Assim, em 1932, com o novo Código Eleitoral sendo decretado, houve a concessão do voto feminino.

Para o novo Código Eleitoral foi considerado eleitor, o cidadão maior de 21 anos, sendo homem ou mulher sem distinção de sexo, cor ou raça. Porém, tanto o voto quanto qualquer serviço de natureza eleitoral não eram obrigatórios para as mulheres de qualquer idade, nem mesmo para os homens que tivessem idade superior a 60 anos. Pereira (2009, p. 05) relata que o Código Eleitoral de 1932 permitiu “o voto feminino com a imposição de que somente as mulheres casadas com o aval do marido ou as viúvas e solteiras com renda própria teriam permissão para exercer o direito de votar e serem votadas”.

Analisando a Constituição de 1934, Pereira (2009) observa que as restrições apresentadas no Código Eleitoral de 1932 acabaram por serem retiradas, porém o voto permaneceu obrigatório somente para os homens e para as mulheres que exerciam função pública que fossem remuneradas. Os artigos 108 e 109 da CFB (1934) há a definição para quem o voto era obrigatório e quais eram os eleitores, destacando no Artigo 108 que, os eleitores devem ser brasileiros de um e de outro sexo, maiores de 18 anos, que se alistarem na forma da lei. E no Artigo 109 ressaltou que o alistamento e o voto são obrigatórios para os homens e para as mulheres, quando estas exerçam função pública remunerada (BRASIL, 1934).

Continuando a análise das Constituições, a de 1967 é a primeira a assegurar os direitos da mulher gestante em seus Artigos 158 e 167, assim garantindo a proteção da Previdência Social em relação à mulher grávida. Portanto, oportuna a sua transcrição e visa a não discriminação da mulher no mercado de trabalho. Tendo assim por proteção especial à maternidade deve-se entender uma série de

mecanismos criados por lei que visam assim amparar a mulher não só durante a gravidez como também após o parto.

Art. 158. A Constituição assegura aos trabalhadores os seguintes direitos, além de outros que, nos termos da lei, visem à melhoria, de sua condição social: [...]

XI - descanso remunerado da gestante, antes e depois do parto, sem prejuízo do emprego e do salário; [...]

XVI - previdência social, mediante contribuição da União, do empregador e do empregado, para seguro-desemprego, proteção da maternidade e, nos casos de doença, velhice, invalidez e morte;

Art. 167. A família é constituída pelo casamento e terá direito à proteção dos Poderes Públicos. [...]

§ 4º - A lei instituirá a assistência à maternidade, à infância e à adolescência (BRASIL, 1967).

Com o advento da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, a proteção às mulheres-mães passou a ser consagrada como direito social previsto no artigo 6º da Carta Constitucional. Por sua vez, o artigo 7º, inciso XVIII, e artigo 201, inciso II garantem também as gestantes uma proteção constitucional.

Art. 7º São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social: [...]

XVIII - licença à gestante, sem prejuízo do emprego e do salário, com a duração de cento e vinte dias. [...]

Art. 201. A previdência social será organizada sob a forma de regime geral, de caráter contributivo e de filiação obrigatória, observados critérios que preservem o equilíbrio financeiro e atuarial, e atenderá, nos termos da lei, a: [...]

II - proteção à maternidade, especialmente à gestante (BRASIL, 1988).

Assim tendo como efeito no campo legislativo, o salário-maternidade passou a cargo da Previdência Social no ano de 1974, por meio da Lei nº 6.136/1974. Antes desta data, o benefício ficava na responsabilidade somente do empregador, sendo ele assim o único responsável pelo pagamento à empregada gestante, por isso sempre que possível eles simplesmente as demitiam para que suas empresas não fossem prejudicadas.

Atualmente, as leis sobre a licença maternidade tiveram uma mudança importante para as mulheres passando de 120 para 180 dias. Têm direito à licença maternidade de 6 meses as mães trabalhadoras de empresas que optarem pela Lei 11.770/2008 e os funcionários estaduais e federais, que institui Programa Empresa Cidadã e prorroga em seu Art. 1º, Inciso I: “por 60 (sessenta) dias a duração da licença maternidade prevista no inciso XVIII do caput do art. 7º da Constituição Federal”

(BRASIL, 2016). Esta Lei citada já está regulamentada e é obrigatória para as funcionárias mães de todo o País, já que a Organização Mundial da Saúde (OMS) traz que as crianças devem ser amamentadas até os 6 meses de vida exclusivamente do leite materno. Com essa campanha a licença se faz ainda mais importante para as mães trabalhadoras e para seus filhos.

Outra batalha travada por mulheres é a violência contra as mesmas, violência essa sofrida de todas as formas e contextos. Segundo Del Priore (2020), as violências se iniciaram com reações de mulheres e de homens que não suportavam as traições e acabavam tirando a vida de seus companheiros.

A violência contra a mulher ganhou um pouco mais de força na segunda metade dos anos de 1970, quando elas começaram a procurar seus direitos e não aceitavam as agressões e as violências sofridas trazendo-as para as vistas da sociedade da época. As violências ocorridas entre marido e mulher ganhavam até fundo musical, muitos cantores da década faziam sucesso com as músicas que narravam as agressões de uma esposa na mão do seu marido machista e que lhe maltratava.

Toda essa violência ainda está presente nos dias de hoje. A Lei nº 11.340/2016, conhecida por Lei Maria da Penha, foi uma das maiores conquistas femininas da história brasileira, pois tem o intuito de coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Essa lei veio para amparar mulheres que sofrem por vários tipos de violência como: violência física, psicologia, sexual, patrimonial e moral. Portanto, percebe-se um empenho para conter a violência contra a mulher, procurando assim apoiá-las e assim se fazer presente diante desse problema que só vem aumentando em todo o mundo ao longo dos dias.

Com a Constituição de 1988, quando definitivamente foi reconhecida a igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres, os movimentos feministas ganharam força e garantiram à mulher o seu espaço na sociedade. Entretanto, vale ressaltar que, apesar da existência de normas jurídicas afirmando essa igualdade, ainda é percebido o comportamento retrógrado da sociedade. Importante enfatizar que o objetivo nessa luta por igualdade, não é a masculinização da mulher, o que se busca é o respeito, a soma de forças para alcançar juntos uma vida melhor e digna para todos.

2 DESAFIOS NA ARTICULAÇÃO DO TRABALHO, FAMÍLIA E A FORMAÇÃO E OS IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19

2.1 MULHER, TRABALHADORA E MÃE NO CONTEXTO DA PANDEMIA

Quando se ouviu a palavra Pandemia da Covid-19, pouco se sabia sobre o assunto ou do que se tratava, a população do mundo inteiro foi pega de surpresa por algo novo e jamais vivenciada por diversas pessoas. Pandemia é uma palavra vinda do grego, que era usada no sentido genérico, referindo-se a qualquer acontecimento capaz de alcançar toda a população.

Desde que foi identificada em dezembro de 2019, a contaminação pelo novo vírus apresentou um rápido crescimento tornando-se um dos grandes desafios da área da saúde neste século XXI. A doença provocada pela variação que foi encontrada na China foi nomeada pela OMS como COVID-19, em 11 de fevereiro sem saber ao certo como ocorreu a contaminação que permitiu o surgimento do novo vírus, ainda desconhecido pela sociedade em geral. E assim o mundo começou a vivenciar a pandemia da COVID-19.

Os coronavírus (coVs) são vírus envelopados com diâmetro de 60 a 130nm que contêm um genoma de ácido ribonucleico (RNA) de fita simples de sentido positivo, com tamanho variando de 26 a 32 kilobases (kb) de comprimento. Esse vírus pode apresentar capsídeos pleomórficos e ter projeções radicais superficiais como uma coroa, daí o nome coronavírus (XAVIER *et al.*, 2020, p. 02).

O surgimento do vírus deu início em um mercado de frutos do mar na cidade de Wuhan, onde se levantou a suspeita de que a transmissão entre os animais marinhos e humanos havia acontecido de fato. O primeiro caso foi um chinês de 61 anos que foi o primeiro hospitalizado com dificuldades para respirar e várias outras complicações e veio à óbito após uma parada cardíaca em 9 de janeiro. Ao longo dos meses, a doença foi se propagando muito rápido, saindo assim do controle da Organização mundial de Saúde.

No dia 30 de janeiro a OMS declarou a epidemia da COVID-19, com isso a contaminação passou a ser uma emergência para a saúde. Com o avanço das contaminações no dia 11 de março de 2020, passou de epidemia para uma pandemia mundial, pegando a todos pelo mundo de surpresa. No Brasil, o primeiro caso foi

confirmado na cidade de São Paulo, no dia 26 de fevereiro de 2020, depois desse primeiro caso a doença se espalhou por todo o país, atingindo o número de mais de 177 mil casos notificados e 12 mil mortes decorrentes em 12 de maio de 2020.

Desde o começo da pandemia tivemos um sólido conhecimento sobre as formas de contágio da doença, apesar do vasto conhecimento dos pesquisadores ainda não tivemos um tratamento que possa ser 100% eficaz. Diversas vacinas foram desenvolvidas e aprovadas ainda no ano de 2020. Com a pandemia veio o distanciamento social, e com isso todo o mundo parou. Fábricas fecharam as portas, comércios, empresas, indústrias e outros empreendimentos, pessoas perderam seus empregos, outras tiveram seus salários reduzidos. O distanciamento social ocasionou a redução de praticamente todas as atividades coletivas.

Para Machado e Barros (2021), o distanciamento social era uma forma eficaz de prevenção da COVID-19, mas por outro lado afetou de forma direta a economia do Brasil e do mundo em geral. De forma nítida, a pandemia representou uma grande perda para a sociedade em geral, pois não só gerou desigualdades adicionais como também trouxe à tona as desigualdades já existentes.

As famílias em geral foram as principais afetadas, por conta de que, com o distanciamento social se viram obrigadas a permanecerem em casa, fazendo com que houvesse a interação entre as mesmas de forma diária. Para as mulheres, esse isolamento fez com que a mesma multiplicasse os seus horários de trabalho e assim desenvolver diversas atividades, pois ao mesmo tempo realizava uma tríplice jornada de trabalho.

O ano de 2020 foi um dos mais conturbados para as famílias em geral, manter-se em casa se tornou uma tarefa cansativa e repetitiva. A nova realidade traz para os adultos uma nova demanda de trabalho como: cuidado com os filhos e com a família em geral, educação das crianças e a necessidade de manter-se em isolamento social. Ao mesmo tempo em que esse isolamento acontece exige das famílias uma mudança total de suas rotinas que foram invadidas por diferentes personagens. Para Ataíde, Silva e Silva (2020), a transformação brusca que a sociedade sofreu com a quarentena trouxe diversas alterações na vida de várias pessoas, afetando de maneira direta as relações e os grupos familiares.

O aumento significativo do tempo de convivência entre as pessoas pode trazer vários tipos de reações. Para os casais essa convivência trouxe diversos sentimentos, pois tem no mesmo espaço físico, ser pais, cônjuges, profissionais e educadores dos

filhos. Ao mesmo tempo em que toda essa sobrecarga de tarefas traz o desejo de um pouco de espaço. Para alguns pais é exaustivo ficar com os filhos em casa, já que eles estão acostumados ao ritmo acelerado da vida urbana, a uma rotina de afastamento e não de proximidade com os que mantêm relação afetiva.

E, no que se refere à convivência percebemos em um extremo mulheres sobrecarregadas com a dinâmica da família nuclear, (quicá heterossexual) que implica no trabalho doméstico e de cuidado interrupto e pouco compartilhado, e no outro extremo, mulheres que estão passando a pandemia na solidão, sem ou com rede de apoio limitada (LIMA; MORAES, 2020, p. 03).

A imagem de uma mulher super-heroína que consegue lidar com qualquer situação e desenvolver diversas tarefas ao mesmo tempo, exercendo diversos papéis, é facilmente encontrada nas mídias, mulheres que equilibram trabalho, carreira e estudos. A pandemia pode mostrar a grande desigualdade entre homens e mulheres dentro dos lares, pois na visão dos homens somente as mulheres devem exercer os trabalhos domésticos, os cuidados com os filhos; e tudo isso gerou uma sobrecarga feminina contribuindo para o adoecimento mental das mulheres.

O desemprego atingiu com muita força as mães trabalhadoras brasileiras, a sobrecarga feminina já existia há tempos, mas com a Pandemia isso ficou ainda mais pesado. Nenhum outro grupo foi tão afetado quanto o das mulheres, mães de crianças pequenas. Apesar do empenho masculino dedicando-se o dobro do tempo de antes para o cuidado com os filhos, ainda assim é notável que ninguém foi mais sobrecarregado, estressado e vulnerável profissionalmente do que as mulheres.

Como já mencionado, nesse período de isolamento social houve um aumento significativo da violência contra a figura feminina, fato esse que já é muito presente na vida de muitas mulheres, e foi ainda mais fortalecido pela intensa convivência, fazendo assim com que muitas delas desenvolvessem algum tipo de transtorno ou até mesmo a perda de seu emprego. Durante o isolamento social as mulheres muitas vezes encontraram-se em situações de vulnerabilidade por conta da sobrecarga de trabalhos que as mesmas enfrentaram.

A violência contra a mulher é uma questão recorrente, e este contexto se intensificou com a pandemia. A violência doméstica, em sua grande maioria, tem como o principal agressor o próprio marido/parceiro íntimo da mulher. Vivendo em um ambiente vulnerável e inseguro, o compartilhamento de um mesmo espaço durante 24 horas do dia com o companheiro, tem sido motivo de medo para muitas mulheres (ANDRADE; SOUZA, 2020, p.10).

Apesar de o isolamento tenha sido a forma mais segura e prudente para o enfrentamento das contaminações em massa da COVID-19, esse momento do “fique em casa” ocasionou diversas consequências na vida de muitas mulheres, tanto para aquelas que já sofriam com a violência, quanto as que passaram a sofrer com a violência no decorrer desse período pandêmico.

A violência contra a mulher deve ser sempre combatida e debatida, fazendo assim a desconstrução dessa prática tão desumana, com orientação dos profissionais de saúde que se envolvem nos atendimentos das vítimas, para que possam ter coragem de denunciar e evitem qualquer forma de violência.

2.2 A DIMENSÃO DA MATERNIDADE E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Durante séculos não era permitido as mulheres trabalharem fora de casa. Elas eram instruídas a serem a protagonista do lar, a que exercia o papel de mãe e esposa com excelência, fazendo assim a imagem perfeita da esposa e mãe ideal, que durou muitos anos. A partir do século XIX essa ideia começou a ser obstruída, mesmo assim as diferenças e desigualdades entre homens e mulheres eram nítidas principalmente no mercado de trabalho.

Falar sobre as mulheres-mães é trazer para o público uma história de preconceitos que vem de uma linha de tempo historicamente construída. Essa história tem uma cronologia que nem sempre é fácil de definir. Para Gomes (2020), ser mulher é uma construção social que vem das relações com os demais seres, e as suas experiências vividas ao longo de sua vida, a sua posição na sociedade depende dos valores e das normas agregadas. Para as mulheres se tornar mães e donas de casa é algo fácil, pois esse papel vem sendo trabalhado desde sempre. No período patriarcal, as mulheres tinham de crescer aprendendo a serem mães e saber com cuidar de uma casa.

Ao longo dos anos as mulheres passaram a acumular conquistas diversas para então mostrar para a sociedade que podem exercer diversas funções e ainda assim, ter um ótimo desenvolvimento como mãe e esposa. Felizmente as coisas mudaram e as mulheres têm conquistado seu espaço e seus direitos na sociedade a cada dia. Ainda para Gomes (2020), são vários os desenvolvimentos trazidos pelo capitalismo, essas mudanças que se dividem a esfera pública da esfera privada da família.

Quando uma mulher se torna mãe, normalmente em nossa cultura isso é considerado uma realização. Pouco se sabe que o imaginário que envolve a maternidade é tão fantasioso que acaba minimizando as dificuldades que se tem de enfrentar no processo de tornar-se mãe. Com todo esse contexto, acredita-se que a mulher nasce com o instinto materno, ama as crianças e sonha em ser mãe e construir uma família, fazendo assim a paralisação de seus desejos particulares de formação e realização profissional para atender a esse paradigma criado pela sociedade.

O imaginário sociocultural em torno da maternidade é tão consistente que, não obstante as dificuldades que aparecem no processo da maternidade, estas serão quase sempre minimizadas ou invisibilizadas em função de pensarmos as mulheres como possuidoras de uma “essência feminina”, que as orienta, naturalmente, para as necessidades de seus filhos, constituída como uma experiência essencial para aquelas mulheres que são casadas (GOMES, 2020, p.18).

Aquela figura que as pessoas tinham em suas mentes da mulher dona de casa que cuida dos filhos e dos afazeres domésticos enquanto o homem trabalha para prover o sustento da família, está ficando cada vez mais no passado. A cada dia, vemos as mulheres se inserindo no mercado de trabalho, seja por necessidade ou por vontade de trilhar o seu próprio caminho na sociedade, mesmo sabendo de todos os desafios.

Nessa perspectiva, para maior desempenho fora dos lares, vemos as mesmas buscando o seu aperfeiçoamento e investindo na sua qualificação. Com a sua inserção no mercado de trabalho vem as novas rotinas e organização.

A inserção feminina no mercado de trabalho provocou alterações significativas em seu cotidiano. Esse processo social adquiriu dimensão estrutural no mundo contemporâneo, sendo, junto ao aparecimento de métodos anticoncepcionais mais seguros, um dos fatores que mais radicalmente contribuíram para a redefinição do lugar social da mulher, com consequências decisivas nas relações familiares que, gradativamente, foram modificadas em sua organização, na divisão de tarefas domésticas, na educação dos filhos (SPINDOLA; SANTOS, 2003, p. 595).

Conforme os autores, o crescimento da população feminina faz com que as mesmas vão à busca do seu próprio sustento não podendo ficar em casa à espera dos seus maridos. A chamada dupla jornada das mulheres faz com que trabalhem mais que os homens. Todas as responsabilidades por elas adquiridas ao longo dos anos e com os cuidados da casa e dos filhos, ainda continua sendo um empecilho

enorme para que muitas mulheres entrem no mercado de trabalho e, ao mesmo tempo, aquelas que entram no mercado continuam respondendo pelas tarefas domésticas. Isso retrata nitidamente a jornada e sobrecarga das mulheres.

No momento atual, a mulher se encontra herdeira de uma situação bem peculiar, assim como ser mãe e esposa é uma experiência importante significativa, a sua carreira e atividade profissional também lhe proporciona identidade própria, socialmente valorizada, mas que lhe traz a sensação de incompletude. A mulher vive sendo dividida entre dois espaços.

A família moderna mudou o seu perfil. As mães estão cada vez mais isoladas de outro parente, assumindo o cuidado de sua prole, mesmo que exerça atividade remunerada. Elas maternam e, não apenas geram, assumindo a responsabilidade pelo cuidado das crianças (SPINDOLA; SANTOS, 2003, p. 598).

Ainda de acordo com os autores, o crescimento da participação da mulher no mercado de trabalho, juntamente com as mudanças de vida das grandes cidades, tem trazido diversas mudanças e transformado a rotina em relação aos familiares nos últimos anos. A posição que a mulher conquistou na sociedade atual em relação ao mundo masculino, lhe acarretou consequências que são referentes às suas escolhas. A emancipação feminina significou uma soma de responsabilidades no papel de mãe e o de profissional.

Diversas discussões foram iniciadas em relação à mulher que trabalha fora de casa e que exerce a maternidade, pois a sua participação no mercado de trabalho colocaria suas tarefas essenciais de sua vida de lado, prejudicando assim a estrutura familiar, além de estar se colocando em lugares que antes era exclusivamente masculinos.

Atualmente, vê-se que as mulheres são ensinadas e incentivadas a trilharem suas carreiras e investirem em suas formações profissionais, porém enfrenta o dilema de terem que cuidar do lar, ser mãe, esposa e entre outras atividades que historicamente foram fundamentadas como papéis femininos (SOUZA *et al.*, 2019, p. 37).

Nos dias atuais, os lares são constituídos por famílias monoparentais, sendo composta por uma mãe e seus filhos. A mulher fica responsável pela saúde, alimentação, casa e o sustento a família, e conseqüentemente, os valores dessa

mulher se modificam, pois passa o sistema de paternidade para as mães, aumentando ainda mais as suas responsabilidades com a família.

A responsabilidade com a guarda, o cuidado e a educação das crianças, na grande maioria das famílias, é exclusivamente delas, caso a remuneração não compense os gastos com a sua saída de casa, ela acaba por abandonar o trabalho remunerado. Por outro lado, também, se a atividade remunerada não puder ser conciliada com a rotina familiar acabará gerando desencontros, desentendimentos e, por vezes, até o abandono do trabalho (SPINDOLA; SANTOS, 2003, p. 598).

Praticamente não se fala dessas dificuldades e nem como enfrentá-las. A maternidade ainda é vista como uma idealização que pouco corresponde com a realidade. De repente a mulher se vê sobrecarregada de atividades que lhe foram romantizadas em torno da maternidade. Mesmo com a superação da rotina com os filhos e a mesma conseguindo retornar ao mercado de trabalho haverá novas situações a serem enfrentadas, pois as mulheres sempre competirão com os homens e com outras mulheres que optaram por não terem filhos, estando estes mais aptos aos empregos e melhores trabalhos.

Na tentativa de articular carreira, cuidado com os filhos, com a família e consigo, vemos o aumento de mulheres que optam por montarem o seu próprio negócio e atuar de forma autônoma; visto que muitas empresas não oferecem boas oportunidades para quem tem disponibilidade de atuar em tempo parcial. Outro fator que tem muito impacto na carreira e na vida das mulheres é onde deixar os filhos durante o trabalho. Em nossa realidade atual são poucas as mulheres que podem contar com a ajuda de algum parente para tal atividade.

Os estudos de Amaral e Vieira (2009) discorrem sobre a grande demanda por qualificação, exigindo assim das mulheres mais tempo fora de casa, e em casos de mulheres/mães, mais tempo longe dos filhos. Com todos esses avanços e com a mulher voltada para o espaço produtivo nota-se a sua ausência no âmbito familiar e isso acarreta diversos fatores como a diminuição do número de filhos e a participação na educação das crianças.

A entrada da mulher no mercado de trabalho oportuniza infinitas possibilidades. Pode retirar o tabu de que o homem é o chefe da família e a esposa deve se comportar segundo o papel escrito pelo modelo patriarcal. Para Simões e Hashimoto (2012) toda essa repercussão na vida familiar da mulher, a levou ver a relação no arranjo familiar com interferências diretas na relação mãe e filho.

Nesse contexto, observou-se que um dos principais desafios das mulheres é manter-se sempre presente na vida dos filhos e da família em geral, e ainda sim manter em ordem os afazeres domésticos, no trabalho e na jornada de estudante. É possível dizer que os papéis desempenhados por homens e mulheres tem se confundido cada vez mais.

Sabe-se que as mulheres sempre tiveram de lidar até com uma tríplice jornada de trabalho, jornada esse que se intensificou ainda mais quando as mesmas decidiram trabalhar fora de casa. Assim, a pandemia da covid-19 veio para acarretar ainda mais suas jornadas e lhes mostrar sua capacidade de lidar com qualquer empecilho que possa chegar na sua vida.

Sem dúvida, as mulheres foram as que mais sentiram o peso desse período pandêmico, mesmo com todo o crescimento e acúmulo de conquistas importantes como sua independência. Apesar de todo o avanço ainda vivemos uma cultura de que o cuidado da casa e dos filhos são tarefas femininas. Isso se fez mais evidente com os reflexos da pandemia. De uma forma totalmente direta o confinamento obrigatório tirou a vida do povo geral dos trilhos, causando assim um impacto negativo na saúde mental de todo o mundo.

Para Macêdo (2020), as mulheres foram mais afetadas quando não puderam mais sair de casa e tiveram que lidar com a sobrecarga dos seus papéis para além da profissão, como já enfatizado anteriormente. A pandemia trouxe a algumas mulheres muito medo e sofrimento por não ter com quem compartilhar as tarefas e também não saber se organizar com os seus novos horários em casa.

Nota-se que esse efeito foi ainda mais desigual para o sexo feminino. A falta de espaço para realizar as tarefas do trabalho, dificuldades de conciliar as tarefas domésticas e do ambiente virtual, a falta de apoio dos companheiros e muitas vezes o peso da convivência com a família na forma integral, essas são algumas das situações que trouxeram dificuldades adicionais no período pandêmico.

Toda essa demanda de trabalho desencadeou diversas alterações na vida feminina como, alteração no sono, exaustão física e ainda mais forte a emocional, depressão, além de se sentir insuficiente para dar conta de realizar toda a demanda tanto de casa como as do trabalho fora do lar.

2.3 ESTUDANTES NO ENSINO SUPERIOR: NOVAS POSSIBILIDADES

Hoje, nota-se a presença feminina em todos os níveis de formação educacional, mas nem sempre foi assim. As mulheres tiveram o acesso à escolarização muito tarde e podendo se formar apenas para os cuidados com a família e com o lar. Na antiguidade, as mulheres eram tratadas como sexo frágil ou sexo imbecil, fazendo parte da mesma categoria que colocavam as crianças e os doentes mentais.

A ideia de uma mulher sem inteligência ou uma mulher que era treinada apenas para o lar persistiu no Brasil por décadas, pois havia o pensamento de que “mulher que sabe muito é mulher que não vai saber ser mãe de família”, Esse era o pensamento dos homens e também de mulheres da época que não acreditavam no seu potencial.

As primeiras escolas fundadas foram no tempo dos padres Jesuítas e eram voltadas somente para o público masculino, visando à formação de uma classe culta e seguindo a religião. Tanto as mulheres de classe alta, filhas dos senhores como as escravas, não possuíam o direito à leitura e à escrita.

[...] as mulheres da elite não tinham acesso à educação e o analfabetismo privava a quase todas de conhecer o mundo através da leitura. Nos primeiros 200 anos do Brasil, a educação para mulheres era oferecida somente nos conventos, para onde as mulheres da elite se refugiavam ou eram enviadas pelos homens, chefes de famílias (MACIEL, 2019, p. 03).

As mulheres foram excluídas do sistema escolar da época. Com o surgimento dos conventos na metade do século XVIII, as moças tiveram a oportunidade do acesso a escolas que ensinavam somente a tecer, bordar e costurar, lhes ensinando somente atividades voltadas para o lar, e assim educando as mesmas para o seu desempenho dentro de casa para com seus esposos. Depois de toda essa batalha que as mulheres travaram para terem o direito ao ensino, conseguiram somente no ano de 1827, a partir da Lei Geral promulgada em 15 de outubro, pois assim foram autorizadas a ingressarem nas escolas e tivessem o ensino das escolas primárias.

O acesso à educação é uma das primeiras conquistas femininas para a sua emancipação, antes resumida somente à esfera doméstica e aos cuidados dos filhos e dos maridos. Depois de garantirem o direito a frequentarem as escolas primárias e estudarem de igual com os homens, no ano de 1870 elas tiveram o acesso às

universidades podendo assim garantir um curso superior. O movimento feminista foi um dos principais responsáveis por esse acontecimento na vida das mulheres.

Um importante acontecimento da década de 1970 e que marcará essa discussão refere-se ao surgimento do movimento feminista contemporâneo, nomes importantes nesse cenário aparecem, como Beauvoir, Millet, Friedman, entre outras, adentrando as universidades e fazendo cada vez aflorar o debate teórico sobre a questão da mulher (PEREIRA; NUNES, 2018, p. 07).

Depois de longos anos lutando pelo direito à educação, as mulheres ainda precisam conviver com uma sociedade que lhe permanece negando espaços de igualdade tanto no ambiente de trabalho como no ambiente doméstico. Mesmo possuindo uma jornada de trabalho já duplicada, grande parte de mulheres donas de casa e mães tem procurado prosseguir os estudos e ingressado no ensino superior, com isso o aumento da sua carga diária de afazeres é ainda maior que antes.

A história aponta para um tímido avanço para inclusão feminina no processo de formação e profissionalização. Somente em 1875, com a criação da “Escola Normal”, destinada às mulheres para se profissionalizarem na carreira de magistério, inicia a concepção que de que a docência era a profissão socialmente aceita para as mulheres (PEREIRA; NUNES, 2018, p. 06).

Nessa acepção, são inúmeros os percalços na vida de mulheres que querem ingressar no ensino superior. A sobrecarga de trabalho, a maternidade e a falta de recursos são os mais comuns. O peso de terem de muito cedo já planejarem sua vida para que não passem por situações mais trabalhosas no futuro são diversos. O seu desejo de estudar muitas vezes é interrompido por uma gravidez inesperada ou por terem de se casarem com pouca idade. Desse modo, Silva e Guedes (2020) afirmam que a sociedade impõe a mulher total responsabilidade pelo seu sucesso e pelo seu fracasso na maternidade e na vida profissional, pois muitas não conseguem conciliar as aspirações profissionais e os deveres de mães.

Isso significa que o ideal para uma sociedade seria uma boa mãe fazendo assim com que a mulher viva somente na esfera doméstica e não trabalhando ou estudando assim como os homens. Entretanto, as mulheres que planejam desde sempre suas vidas antes de uma gravidez têm mais possibilidades do que as que acabam tendo uma gravidez não esperada, pois veem isso como um empecilho para estudar, reforçando assim ainda mais o pensamento de aborto.

O fato de a gravidez indesejada ser motivo de aborto entre as jovens que ainda não terminaram a escolaridade, é que isso vai afetar lá na frente no futuro em relação a ingressar no mercado de trabalho. Sem estudo não é possível adquirir um emprego em cargos melhores, então elas não consideram o fato de serem mães e sim o fato de que criando um filho sem perspectivas de estudo e trabalho não vão poder dar a ele uma vida com dignidade e direitos básicos como alimentação, saúde, educação de qualidade.

Sobre a descoberta da gravidez na adolescência, as entrevistadas destacam sentimentos de susto, dúvidas e felicidade. O principal deles é o medo de contar a notícia a família, pois os familiares geralmente já imaginavam planos para a vida dessas adolescentes que possivelmente seriam frustrados pela gravidez e maternidade precoce. Outro fator que dificulta a comunicação da notícia é que a gravidez na adolescência é socialmente entendida como geradora de vergonha para a família e a adolescente (SILVA, 2018, p. 04).

Dessa forma, tem-se evidenciado que a maioria das mulheres se torna mães cada vez mais cedo, e somente uma minoria se prepara e consegue um trabalho para terem uma gravidez planejada. Vai se tornando cada vez mais comum o fato de elas não conseguirem alcançar o nível superior e consequentemente um trabalho melhor, porque na grande maioria das vezes uma filha de mãe jovem que não pode estudar, não vai ter condições de estudar assim como sua mãe, já que também a mãe não pode oferecer recursos e apoio financeiro para que consigam com menos dificuldades chegarem a se formar.

Isto posto, é notável que as filhas de mães que possuem pouco estudo ou estudo nenhum têm mais dificuldades para ingressar no ensino superior. Na grande maioria as meninas mais novas iniciam a vida sexual mais cedo e não se protegem adequadamente, a gravidez indesejada tem se tornado um empecilho para as que querem estudar ou trabalhar no futuro, porque vão ter a responsabilidade e a função de cuidar de uma criança. Para Marques, Teixeira e Gonçalves (2020), as mulheres que residem na zona rural tendem a ter mais dificuldades de se deslocarem para fora do ambiente doméstico por causa dos afazeres junto à família.

O acesso ao ensino superior para as mulheres se torna algo muito difícil, porque mulheres com filhos é bem mais complicado, uma vez que é difícil encontrar alguém que cuide da criança para que elas possam estudar ou até mesmo trabalhar para custear a faculdade. Uma mulher para conseguir se formar com um filho vai precisar

de um suporte maior para chegar à graduação, como alguém para dividir as despesas da criança, que cuide nas horas mais necessárias para ir estudar.

Deve-se enfatizar os desafios das universitárias que têm filhos durante o período acadêmico, pois tendem a ter mais dificuldades para terminarem o curso. As mães, em sua maioria paralisam o curso com a intenção de voltarem depois, apoiando-se principalmente na possível ajuda de um familiar para os cuidados com o filho enquanto elas estudam.

A reivindicação pela inserção da educação feminina nas escolas iniciada no século passado, transforma-se hoje em uma representação maior de mulheres com a formação superior em relação aos homens, o que nos faz analisar a partir da trajetória histórica que as mulheres tiveram mudanças perceptíveis em sua atuação no espaço social diferente dos homens.

As mudanças ocorreram por meio do engajamento das próprias mulheres, que historicamente tem conquistado direitos até então exclusivamente masculinos e a lei refletiu esse processo de organização social. Além disso, dos elementos que facilitou o acesso ao ensino superior foram os programas sociais e o financiamento estudantil (DOTTA; TOMAZONI, 2015, p. 16).

Atualmente depois de tantas lutas pelo direito à educação, as mulheres alcançaram níveis mais elevados de escolaridade que os homens, mas ainda continuam sendo a minoria nas políticas e em cargos importantes, além de terem salários inferiores, mesmo exercendo os mesmos cargos. A expansão da educação formal das mulheres não tem sido suficiente para torná-las iguais as carreiras escolares e profissionais seguidas por mulheres e homens, pois as mesmas acabam seguindo os cursos humanísticos e voltados para as letras, enquanto os homens optam por cursos voltados às áreas técnicas.

Os impulsos da mulher moderna, contemporânea de se incluir em uma sociedade machista sem dúvidas alterarão as crenças culturais, os costumes, as tradições e políticas na área educacional. Percebemos que isto ocorre de forma lenta, mas as mudanças já estão acontecendo no seio de várias instituições (CARRANZA, 2009, p.15).

Nesse contexto, apesar da maioria feminina cursar o nível superior e de terem conquistado o seu espaço na sociedade trabalhando de igual com os homens, nota-se que existe um entre ambos no analfabetismo, que indica que eles enfrentam dificuldades para acessar e dar continuidade aos estudos. As mulheres ainda

desistem de seu crescimento profissional e pessoal por conta de suas funções de mãe e esposa, muitas não conseguem ingressar em universidades por fatores que a impossibilitam e deixam seus sonhos de crescimento pessoal para depois.

Portanto, observa-se que a desigualdade de gênero é uma realidade presente ainda no século XXI. A educação sexista e a discriminação da mulher ainda são muito fortes e presentes, pois existem os julgamentos por meio de estereótipos construídos e reproduzidos na sociedade: a desigualdade e não menos importante o patriarcado.

3 PANDEMÃE – MATERNIDADE, TRABALHO E FORMAÇÃO NO CONTEXTO DA COVID-19: CONSTRUINDO SENTIDOS A PARTIR DAS VIVÊNCIAS DAS ACADÊMICAS DE PEDAGOGIA DA FAI, ITAITUBA-PA

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A elaboração deste trabalho acadêmico deu-se de forma qualitativa e exploratória, e trata-se de um estudo bibliográfico uma vez que foi feito um levantamento das obras dos principais autores que abordam sobre a trajetória da mulher/mãe e estudante, mais especificamente durante a pandemia da Covid-19. Para Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais. A utilização dessa pesquisa se faz necessária para que pudesse investigar as questões norteadoras desse trabalho.

Para tanto foram utilizados alguns autores, como: Bonfim (2008), Carranza (2016), Del Priore (2020), Gomes (2020), Godinho (2016), Machado e Barros (2021) Oliveira e Cassab (2014), Lima e Moraes (2020), Silva *et al.* (2016), Pereira e Nunes (2018), ambos autores retratam sobre a história da mulher, suas conquistas e desafios enfrentados ao longo dos anos.

Como pesquisa de campo foi utilizado o questionário com as acadêmicas do Curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba (FAI), estado do Pará, pois, segundo Bogdan e Biklen (1994), os questionários podem se constituir na estratégia dominante na coleta de dados e podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas.

A pesquisa foi realizada na FAI, a pesquisa foi realizada durante o mês de janeiro do ano de 2022, com 14 acadêmicas do 8º período do curso de pedagogia tanto da modalidade regular como intervalar, com idades entre 22 (vinte e dois) e 46 (quarenta e seis) anos.

No quadro 1 pode-se observar o perfil das acadêmicas entrevistadas, em que se percebe a diferença de idade das entrevistadas, entretanto, o sentido que vem sendo construído a partir de suas vivências como mãe, trabalhadora e estudante de curso superior são análogas, uma vez que todas possuem pelo menos um filho, condição essa que as colocaram como eleitas para fazer parte desta pesquisa.

Quadro 1. Perfil das entrevistadas. Fonte: Acadêmicas de Pedagogia da FAI (Itaituba/PA), 2022.

Acadêmicas	Idade	Nº de filhos	Ano		Atividade atualmente
			Conclusão no Ensino Médio	Ingresso no Ensino Superior	
A ₁	46	3	2005	2018	Comerciante
A ₂	32	2	2006	2007	Professora
A ₃	25	1	2013	2018	Professora
A ₄	34	2	2015	2018	Professora
A ₅	22	1	2016	2017	Professora
A ₆	24	2	2014	2018	Professora
A ₇	30	3	2009	2015	Atendente
A ₈	42	2	2016	2018	Autônoma
A ₉	37	2	2016	2018	Autônoma
A ₁₀	26	2	2013	2018	Dona de casa
A ₁₁	22	1	2017	2018	Empresária
A ₁₂	23	1	2017	2018	Auxiliar administrativo
A ₁₃	27	3	2017	2018	Dona de casa
A ₁₄	28	1	2017	2018	Auxiliar administrativo

Ao analisar os questionários pode-se observar que as acadêmicas entrevistadas demoraram de 1 (um) a 13 (treze) anos para poder ingressar no nível superior, após a conclusão do Ensino Médio. A maior parte das acadêmicas exercem atividades dentro e fora do lar e isso dificultou ainda mais o seu ingresso no nível superior. A carga das atividades na rotina dessas mulheres não são poucas, seja nas tarefas domésticas ou no emprego, ainda assim, com toda essa carga exorbitante, muitas procuram recuperar ou avançar nos estudos, com o intuito de uma melhor qualificação profissional.

Algumas das entrevistadas (04) já seguem na profissão de sua formação, ou seja, trabalham na área da educação, como professoras, mas outras não, pois ainda não tiveram uma oportunidade ou ainda não se sentem preparadas para deixarem seus trabalhos atuais para seguirem na sua carreira de formação.

3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO LOCAL DA PESQUISA

A Faculdade de Itaituba - FAI está situada em município de Itaituba, Estado do Pará, credenciada e autorizada para funcionamento por meio da Portaria /MEC nº 2.557 de 15 setembro de 2003, publicada no DOU nº 179 Seção I, Ano CXL de 16 de setembro de 2003. No Regimento Geral da IES (criado em 2001, alterado em 2007 e reformulado para vigorar nestes termos de 2012 a 2016) a Faculdade de Itaituba constitui-se como uma Empresa de Prestação de Serviços Educacionais de Ensino

Superior, de caráter privado, com fins lucrativos e atuação no Município de Itaituba no Estado do Pará.

Esta Instituição de Ensino Superior funciona em sintonia com a mantenedora, considerando que o Projeto de Implantação da faculdade é coletivo e Interdisciplinar, articulando conhecimentos teóricos e práticos dos gestores do centro de Estudos Superiores de Itaituba e coordenadores dos cursos. Os acadêmicos dos cursos possuem suas lideranças e se organizam com Projetos de Integração, coordenados por representantes dos cursos.

Desde sua implantação em 2003 vem desenvolvendo projetos junto à comunidade. Além disso, a IES participa como parceira no Projeto de Criação do Museu Histórico, Científico e Turístico da cidade, com coordenadores, pesquisadores e estagiários do Curso de História que irão contribuir com cursos, treinamentos, Organização das Galerias para implantação do Museu, Oficinas e Coleções.

O Curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba está envolvido com a colaboração na montagem do Projeto Político Pedagógico das escolas municipais em parceria com a Secretaria Municipal de Educação e Cultura, alcançando sucesso na execução dos projetos de extensão e boa aceitação dos estágios nas escolas públicas. Entre os cursos de Licenciaturas ofertados pela FAI, o Curso de Pedagogia foi o único que aumentou a procura nos três últimos anos, o que motiva a IES a solicitar mais 100 vagas para atender a essa demanda.

Neste Curso é construída a identidade do pedagogo como profissional inovador e criativo na sua atuação, capaz de analisar, compreender e lidar com as mudanças da vida social e suas implicações, no sistema educacional, na escola e no seu âmbito. Atualmente, a faculdade de Itaituba disponibiliza anualmente 100 vagas para o ingresso de novos acadêmicos ao curso de pedagogia. Desde 2006 até a presente data, a Faculdade entregou ao mercado de trabalho 748 (setecentos e quarenta e oito) profissionais pedagogos, em sua maioria, mulheres.

3.3 VOZES DAS ACADÊMICAS DE PEDAGOGIA DA FAI

Na sociedade contemporânea, a mulher já vem retida ao desempenho de diversos papéis, tanto dentro de casa quanto fora dela. Há mulheres que são: mães, esposa, filha, professora de reforço escolar, cuidadora e entre outras inúmeras que

existem. Com tantos afazeres muitas vezes voltados para os outros e não para si, elas acabam deixando os seus projetos de lado.

Com o objetivo de se aprofundar ainda mais nessa temática apresentam-se os resultados dos dados das entrevistadas. O início da pesquisa teve com indagação para as mesmas sobre: **O que é ser Mulher?** No quadro 2 pode-se observar as respostas das entrevistadas.

Quadro 2. O que é ser mulher? Fonte: Acadêmicas de Pedagogia da FAI (Itaituba/PA, 2022).

Acadêmicas	Relato das participantes da pesquisa
A ₁	<i>Ser mulher é ter direito de viver em uma sociedade machista, ter sua independência profissional, ser mulher é ser corajosa e ter sensibilidade e liberdade de escolha.</i>
A ₂	<i>É ser um pouco de tudo, pois nela existe uma força de lutar, de conquistar, de ser mulher, mulher moderna é ser independente.</i>
A ₃	<i>É carregar com você toda uma responsabilidade, ainda mais quando somos mãe, esposa e acadêmica, temos que nos virar da forma que podemos, assim enfrentando muitos desafios.</i>
A ₄	<i>É se reinventar todos os dias, pois ser mulher não é uma tarefa fácil, pois enfrentamos muitas dificuldades e preconceitos, mais ser mulher é ser forte e corajosa para enfrentar os obstáculos da vida.</i>
A ₅	<i>No contexto atual é ter liberdade de escolha, seu espaço e direito à voz, sem que sofra algum tipo de diminuição, é ter força e coragem e poder elencar diversos objetivos.</i>
A ₆	<i>É ser guerreira que enfrenta qualquer obstáculo, que luta por igualdade.</i>
A ₇	<i>É tudo. A mulher é um ser completo, cuida da família, trabalho e estudos. Apenas elas sabem o que carregam todos os dias.</i>
A ₈	<i>Mulher é tudo, mulher mãe, mulher professora, mulher enfermeira, enfim, somos essas mulheres guerreiras.</i>
A ₉	<i>É ser dona de si, é ter autonomia de ir e vim, é ter voz e vez.</i>
A ₁₀	<i>É ser mãe, esposa, lutando sempre por seus objetivos, nunca desistir e lutar pelos sonhos.</i>
A ₁₁	<i>É ser uma guerreira, dentro dessa sociedade que ainda é machista, onde tem desigualdade, ser mulher e saber se transformam diante das dificuldades da vida.</i>
A ₁₂	<i>Mulher é ser trabalhadora cheia de responsabilidades, com uma carga horária de trabalho grande, onde hoje ela se mantém e ainda cuida dos filhos.</i>
A ₁₃	<i>É ter de se impor o tempo inteiro, ter de lutar por direitos básicos, por salários iguais, ter de provar o tempo todo que é competente no que faz.</i>
A ₁₄	<i>É acordar de bom humor, agradecer a Deus e fazer as coisas acontecerem, é curtir os filhos, mesmo depois de um dia difícil e complicado.</i>

É evidente que esta pergunta está cada vez mais presente nos debates que relacionam a igualdade de gênero. Cada uma das entrevistadas tem sua própria essência que vem do resultado de suas escolhas e ideais. É perceptível que o fato de ser mulher já vem com a palavra força do seu lado. Essa força foi roubada por um falso conceito de que as mulheres é um “sexo frágil”, mas vem sendo resgatada pelas

mesmas em seu sentido real. Observa-se uma união maior das mulheres, que têm se organizado e buscado mostrar que o lugar da mulher é onde ela quiser.

Os modelos de feminino em nossa sociedade são criados a partir de símbolos antagônicos: Eva e Maria, bruxa e fada, mãe e madrasta. Essas definições propõem o que é bom para as mulheres e culpam-nas quando não respondem a esse padrão (FARIA; NOBRE, 2007, p. 02).

As autoras afirmam ainda mais que não existe um modelo de como ser mulher, isso é algo específico de cada uma, não é dever da sociedade impor o que uma mulher deve fazer ou como ela deve ser, pelo contrário, é direito da mulher procurar o seu espaço e não seguir os modelos que a sociedade impõe. Dando continuidade à pesquisa a segunda pergunta indagou: **O que representou para você ingressar no ensino superior?** Conforme o quadro 3 é possível analisar as respostas das entrevistadas.

Quadro 3. Representação do ingresso no ensino superior. Fonte: Acadêmicas de Pedagogia da FAI (Itaituba/PA, 2022).

Acadêmicas	Relato das participantes da pesquisa
A ₁	<i>Uma conquista pessoal, ou seja, é você poder dizer eu consegui, mesmo diante de tantos problemas, é mostrar que você pode ser alguém.</i>
A ₂	<i>Sonho de fazer um curso e através dele poder ter uma vida financeira melhor, ser uma mulher independente que não precisa de um homem para se manter.</i>
A ₃	<i>Um sonho, uma realidade, haja vista que já era para mim estrar formada, mais a incerteza e a dúvida me fizeram refletir durante três anos.</i>
A ₄	<i>Foi como acordar de um pesadelo num lugar lindo, pois o meu sonho adormecido desde pequena era me tornar professora e ingressar na faculdade, vi o meu sonho despertar novamente.</i>
A ₅	<i>Representou maturidade, fé, coragem, força e muita sabedoria.</i>
A ₆	<i>Que sou capaz de fazer muitas coisas representou que eu sou mais que vencedora.</i>
A ₇	<i>Uma grande conquista, tanto mim como pessoa como para toda a minha família.</i>
A ₈	<i>Iniciei por motivos de necessidade do nível superior para o mercado de trabalho e realizar meu grande sonho de ser um formando, para ter conhecimentos.</i>
A ₉	<i>Autonomia e uma grande vitória, pois o estudo me garantiu ter pensamentos mais críticos e de correr atrás dos meus direitos.</i>
A ₁₀	<i>Crescimento, pois o ensino me trouxe muitos conhecimentos, e me proporcionou chances no mercado de trabalho.</i>
A ₁₁	<i>O caso da minha tia que se casou nova e parou de estudar, e com o tempo separou e não pôde trabalhar por falta de qualificação.</i>
A ₁₂	<i>Uma grande oportunidade de emprego.</i>
A ₁₃	<i>Conquistar um bom emprego, além disso, tenho filhos e pretendo dar uma vida melhor para eles, ser o orgulho deles. O ensino superior é também por fazer com que sua visão de mundo se amplie.</i>
A ₁₄	<i>Representou a força da mulher, ou seja, que ela pode ser o que quiser, que apesar das lutas do dia a dia, ela pode sim fazer o curso superior, mesmo sendo mãe, dona de casa, esposa e profissional.</i>

Conforme os relatos das acadêmicas, pode ser observado que para as mesmas o ingresso no ensino superior é uma conquista, uma forma de se colocar no mercado de trabalho. Ao longo das conquistas das mulheres o ensino foi uma das principais delas, pois dá a elas a esperança de um emprego e um salário mais digno.

O mercado de trabalho está mudando e a participação das mulheres no ensino superior, como a maioria das estudantes, também têm seu mérito. Depois de um longo período em que as mulheres foram proibidas de estudar, é visível que a dedicação e o interesse em conseguir uma qualificação, e conseguir desempenhar um papel profissional melhor é um dos fatores de maior peso na hora de as mesmas ingressarem no ensino superior.

A participação em massa das mulheres nas instituições de ensino superior tem provocado transformações no mundo do trabalho. Em virtude disto, perguntou-se às entrevistadas: **Quais as pessoas que lhe influenciaram na escolha do curso?** O quadro 4 mostra as respostas das acadêmicas.

Quadro 4. Quem influenciou na escolha do curso? Fonte: Acadêmicas de Pedagogia da FAI (Itaituba/PA, 2022).

Acadêmicas	Relato das participantes da pesquisa
A ₁	Marido.
A ₂	Eu mesma.
A ₃	Marido.
A ₄	Marido.
A ₅	Pai.
A ₆	Pai e Mãe.
A ₇	Mãe.
A ₈	Eu mesma, com minha força de vontade.
A ₉	Filho.
A ₁₀	Irmãos.
A ₁₁	Marido.
A ₁₂	Pai e Mãe.
A ₁₃	Marido.
A ₁₄	Por opção própria.

Visto que a família é à base da vida de todas as pessoas, e com as entrevistadas não é diferente, a família é a maior motivação para o ingresso das mesmas no ensino superior. Todas vêm de famílias humildes e com muita determinação e apoio venceram mais esta etapa da vida.

Nessa perspectiva, a família é fundamental para gerar inspiração e ainda mais quando esta contribui não só no incentivo verbal como também nas divisões de tarefas

na prática, especialmente no cuidado com os filhos, pois mesmo sendo mães solteiras a responsabilidade dos pais deve continuar em vigor.

Existe aí uma necessidade de independência da mulher quando ao direito de ir e vir, ter voz ativa, desenvolver um papel construtivo na sociedade e viver confortavelmente, porém não significa que ela deva assumir quantidades de funções nas quais ficará sobrecarregada a ponto de ser afetada fisicamente e mentalmente de forma negativa.

A dupla, e às vezes, tripla jornada de trabalho já é uma dificuldade imensa, para o ingresso dessas mulheres no meio acadêmico, assim como as novas tecnologias, as novas formas de ensinar dos professores também são barreiras enfrentadas por elas. Desta forma seguimos questionando: **Quais os desafios vivenciados por você no ensino superior? Teve dificuldades com a metodologia do professor? Ou no relacionamento com os colegas e professores?** O quando 5 traz o relato das entrevistadas.

Quadro 5. Desafios vivenciados no ensino superior. Fonte: Acadêmicas de Pedagogia da FAI (Itaituba/PA, 2022).

Acadêmicas	Relato das participantes da pesquisa
A ₁	<i>Os gastos, as mensalidades e a forma do professor de ensinar foi um desafio, mas todos vencidos ao longo do curso.</i>
A ₂	<i>Um dos desafios maiores que tive, foi me sentir orgulhosa de mim, de me admirar por estar ali, conseguindo mais um sonho. Apesar das dificuldades que passei, houve dificuldades sim, mas Deus me sustentou.</i>
A ₃	<i>Meus professores foram os melhores, a turma como sempre tinha algumas desavenças, porém todas elas superadas. Visto que somos professores, educadores e temos que lidar com as indiferenças e com o jeito de cada um.</i>
A ₄	<i>Os desafios foram muitos, no primeiro período tive uma grande dificuldade sobre a metodologia de um certo professor, tive problemas de relacionamento com alguns colegas, mais todos esses desafios foram superados ao longo da caminhada.</i>
A ₅	<i>Tive dificuldade em algumas matérias, pois não conseguia me identificar com alguns conteúdos.</i>
A ₆	<i>Tive dificuldade em me relacionar com os colegas e com alguns conteúdos repassados pelos professores.</i>
A ₇	<i>Adaptei-me muito rápido com a rotina da faculdade, a minha maior dificuldade era conciliar trabalho, família e faculdade, pelo fato de ter 3 filhos pequenos.</i>
A ₈	<i>Tive diversos desafios, mas todos foram vencidos, e em relação aos colegas e professores, todos são excelentes.</i>
A ₉	<i>Houve alguns, a convivência do dia a dia foi um desafio a ser superado. Tive muitas dificuldades com as metodologias, mas acredito que devido a algumas situações particulares.</i>
A ₁₀	<i>Tive muitos desafios no período de estágio, em relação à metodologia. Nenhuma em relação aos colegas e professores fiz muitos amigos e sempre me dei bem com todos os professores.</i>
A ₁₁	<i>Existem vários desafios quando você entra em uma faculdade, metodologia que não é compreendida pelos alunos, o relacionamento com os colegas, às vezes</i>

	<i>tem que respeitar a opinião do seu colega, mesmo não sendo a mesma que a sua.</i>
A₁₂	<i>Os desafios são muitos, pois tem trabalho, casa, filho, marido e muitas outras coisas que têm que conciliar. A metodologia do professor, os trabalhos que passavam, tudo tem que ter uma dedicação.</i>
A₁₃	<i>Às vezes os professores passavam uma atividade que eu não compreendia, por pouco tempo de estudo da disciplina. Tive discussões com colegas e isso acarretava muito estresse.</i>
A₁₄	<i>O grande desafio foi à questão financeira, porém meu maior desafio foi concluir meu TCC, esse foi um grande desafio enfrentado no ensino superior, pois a falta de recursos me fez por um tempo desistir do curso, mas pela força de vontade eu consegui me formar.</i>

Frente a isso, as acadêmicas vivenciaram diversas dificuldades dentro do ambiente universitário. Um dos fatores que influenciou para essas dificuldades foi o tempo em que algumas permaneceram fora da sala de aula, durante esses anos, as metodologias didáticas foram aprimoradas, e isso fez com que muitas delas, levassem um tempo para se acostumar com a metodologia de alguns professores.

Observou-se também que as relações interpessoais era uma questão conflituosa para as entrevistadas, pois entender e respeitar o lugar do outro nem sempre é bem entendido dentro de uma sala de aula, as mesmas possuem ideias e conceitos diferentes sobre determinados assuntos e isso pode ser tornar um conflito dentro de sala.

Além do mais, tem a parte financeira que exige uma renda correspondente aos gastos, o que já deve contar com um trabalho prévio provedor de renda, acarretando o acúmulo das funções que no caso, o cuidado com os filhos o trabalho e estudo, acrescentado da preocupação de que o currículo formativo ainda não possibilita um cargo com um salário que supre.

Nessa linha de raciocínio e, considerando a tripla atividade de mãe, trabalhadora e estudante são preocupantes e vivenciadas as situações de desajustes que são diversas e significantes a ponto de exigir esforço dobrado das mulheres. Conforme as observações acima, ainda se perguntou às entrevistadas: **Durante estes anos na Faculdade, como você conciliou, estudos e família?** O quadro 6 mostra as respostas das acadêmicas.

Quadro 6. Conciliação entre trabalho, estudo e família. Fonte: Acadêmicas de Pedagogia da FAI (Itaituba/PA, 2022).

Acadêmicas	Relato das participantes da pesquisa
A₁	<i>Não foi fácil, principalmente a distância do marido no início, que às vezes você pensa em desistir, ou seja, você acaba priorizando a família e deixando os</i>

	<i>estudos de lado, então você precisa ser forte para continuar os estudos e enfrentar essa distância.</i>
A₂	<i>Eu me planejava, mas nada foi fácil principalmente na hora de deixar meus filhos para traz. Minha família me apoiou na hora de cuidar deles quando eu tinha de vir estudar.</i>
A₃	<i>Foi um pouco difícil, mas com a ajuda do meu marido, sogra e sobrinha, foi possível estudar de forma coerente podendo assim concluir minha graduação.</i>
A₄	<i>Graças a Deus tive o apoio do meu marido, filhas e família e algumas outras pessoas. Foi muito difícil conciliar tudo, pois, deixar a casa em que moramos é uma tarefa muito difícil.</i>
A₅	<i>Foram anos desafiadores, conciliei da forma que pude, recebendo ajuda de familiares e amigos. Tive o pensamento de desistir, porém minha vontade de formar sempre foi maior.</i>
A₆	<i>No começo foi difícil, pois minha filha era bem pequena e ainda mamava e deixar ela com a babá me abalava muito na parte emocional. Não conseguia me concentrar, a partir do 5º período foi que melhorou, ela cresceu um pouco mais e pude trabalhar e estudar de forma tranquila.</i>
A₇	<i>Essa conciliação foi minha grande dificuldade, mas quem sempre me ajudou foi minha mãe e minha sogra que me deram suporte com os meus filhos.</i>
A₈	<i>Tive muita dificuldade, tive muita ajuda, porque sem trabalho fixo é tudo mais complicado, mas graças a Deus consegui um grande patrocinador e ele me ajudou muito.</i>
A₉	<i>Foi bem difícil, pois ficar distante da família, isso é muito complicado. No trabalho tive que me ausentar e os estudos consegui conciliar. É muito difícil ser mãe e estudar e ainda trabalhar ao mesmo tempo.</i>
A₁₀	<i>Tive total apoio da família, em questão aos estudos nunca me atrapalhou, em relação de estar com a família, sempre tive perto e foi fácil me adequar em relação a isso.</i>
A₁₁	<i>Às vezes não conseguia conciliar, mesmo me programando. As vezes não dava de ir para a faculdade, pois tinha que resolver problemas do trabalho e não tinha tempo para a família, para fazer trabalhos da Faculdade e vice-versa.</i>
A₁₂	<i>Muitas dificuldades com os horários, as tarefas e conciliar com a vida fora da Faculdade.</i>
A₁₃	<i>Não foi fácil, a saudade dos filhos me fez chorar inúmeras vezes, mas eu sei que estava ali por uma boa causa. Em relação ao trabalho e estudos, também não foi nada fácil.</i>
A₁₄	<i>Não foi fácil, porém não é impossível, para conciliar é necessário se programar em tudo, me refiro à questão de horários.</i>

Atualmente boa parte das famílias é composta por mulheres que dividem com os maridos ou outro membro da família os afazeres de casa o cuidado com os filhos e o trabalho. Nota-se nas falas das acadêmicas entrevistadas que essa rotina de trabalho e estudos afetou suas horas livres, que se tornaram quase inexistentes. A rotina e o fato de não poderem se dedicar tanto a suas famílias geram diversos tipos de sentimentos. Apesar da rotina, da falta de tempo e de muitas vezes terem de deixar suas casas por um longo período, muitas delas consideram o estudo e o trabalho essenciais para suas vidas.

Observou-se também entre as entrevistadas que as mesmas tiveram muitas dificuldades pois, na modalidade de estudo no período de férias, elas tinham que deixar suas casas, seus filhos e seus trabalhos por um período de um mês, para que

pudessem estudar, e isso acaba por prejudicar a sua vida fora do âmbito educacional. Para as acadêmicas da modalidade regular (ensino noturno) a realidade não é tão diferente, pois trabalhar dentro e fora do lar e ainda assim estudar faz com que as mesmas se sobrecarregassem ainda mais com tantos afazeres.

Considerando o exposto relacionado às dificuldades de estudante de ensino superior destacado pelas entrevistadas seguiremos com outra pergunta: **Já aconteceu de chegar o dia de você apresentar um trabalho ou fazer uma prova e você não conseguiu estudar ou que chegou à aula e você não conseguiu ler o texto daquele dia?** No quando 7 percebe-se o relato das acadêmicas.

Quadro 7. Sobre a rotina dos estudos e os desafios do cotidiano de estudante. Fonte: Acadêmicas de Pedagogia da FAI (Itaituba/PA, 2022).

Acadêmicas	Relato das participantes da pesquisa
A ₁	<i>Não, sempre me organizei para que isso não acontecesse.</i>
A ₂	<i>Não, mesmo não tendo estudado sempre tirava de letra.</i>
A ₃	<i>Às vezes, preocupada com a saúde do meu bebê.</i>
A ₄	<i>Sim, mas corria atrás, fazia perguntas para os colegas ia até o professor, para conseguir entender o assunto.</i>
A ₅	<i>Sim, por muitos motivos pessoais e familiares.</i>
A ₆	<i>Às vezes, pois o tempo era corrido.</i>
A ₇	<i>Às vezes, pois já ocorreu devido a correria do dia a dia, pois é muito complicado ter que estar na faculdade todas as noites.</i>
A ₈	<i>Às vezes, por conta do tempo era corrido.</i>
A ₉	<i>Às vezes, o tempo era muito corrido.</i>
A ₁₀	<i>Não tive essa preocupação.</i>
A ₁₁	<i>Às vezes, não conseguia apresentar o trabalho, por não ter conseguido estudar o assunto.</i>
A ₁₂	<i>Sim, pois na nossa modalidade de ensino é muito complicado.</i>
A ₁₃	<i>Sim, a correria é diária.</i>
A ₁₄	<i>Não, pois sempre que tinha trabalho já começava a estudar para isso não acontecer.</i>

Somos sabedores da evolução que o país tem passado quando se fala em educação, trazendo assim muitas possibilidades de acesso à educação. Desse modo, quem trabalha em período integral precisa dar conta das horas de trabalho e do tempo extra que são gastos com atividades levadas para casa. Assim, é percebido que as entrevistadas têm uma rotina organizada e mesmo assim algumas delas por diversas vezes não conseguiram cumprir com as atividades propostas pelos seus professores.

Apesar dos desafios conseguiram através de organizações metódicas das atividades e tempo corresponder satisfatoriamente as apresentações e trabalhos da formação. Enquanto outras tiveram imprevistos e ausências não conseguindo realizar algumas vezes as atividades avaliativas como seminários.

Novamente conclui-se nas respostas das entrevistadas que os compromissos familiares e de trabalho não eram conciliados da forma esperada, mesmo com os relatos de que a família as auxiliava e as apoiava emocionalmente e na prática cotidiana dos afazeres, seu senso de responsabilidade e afetividade com a família junto aos objetivos profissionais tornavam tudo mais complexo ajustando-se para as soluções no decorrer do tempo.

Nesse aspecto, e considerando o contexto da Pandemia da Covid-19, procurou-se saber: **Como ficou a questão do seu emocional? Quando pesa sobre você uma carga tão grande, a carga daquele peso de consciência a carga do trabalho doméstico, a carga do trabalho profissional. Tem algum momento que dá, assim, um estresse?** No quadro 8 encontra-se as respostas das acadêmicas.

Quadro 8. A árdua jornada da mulher e a Pandemia da Covid-19. Fonte: Acadêmicas de Pedagogia da FAI (Itaituba/PA, 2022).

Acadêmicas	Relato das participantes da pesquisa
A ₁	<i>Nesse período foi difícil para todos, pois muitos perderam alguém querido, não têm como não abalar o emocional. Foi um momento difícil para todos mais precisamos enfrentar com coragem esses desafios.</i>
A ₂	<i>Com certeza teve momentos de estresse sim, principalmente o medo durante a pandemia, e tudo mudou no ambiente de trabalho, em casa, no convívio social. Tivemos que nos adaptar as mudanças.</i>
A ₃	<i>Em muitas das vezes o estresse falou mais alto, mas a questão da pandemia foi tudo tranquilo. Tínhamos e temos que ter o controle para enfrentar a pandemia, com alguns cuidados.</i>
A ₄	<i>Sim, tem dias que o estresse é tão grande que dá vontade de desistir, sem contar que logo que surgiu a Covid-19 eu fiquei tão traumatizada quando chegava de qualquer lugar tinha que tomar banho com álcool. Isso se tornou rotina em minha casa.</i>
A ₅	<i>Por conta de várias coisas ao mesmo tempo me tornei vulnerável e com muitos problemas, com isso tendo o pensamento de desistir diversas vezes.</i>
A ₆	<i>O estresse diário é constante, pois não é fácil ser mulher que trabalha fora de casa, pois além de exercer sua profissão ainda tem que tomar conta da família e a pandemia da Covid-19 sobrecarregou ainda mais.</i>
A ₇	<i>Esse período de pandemia foi muito estressante para todos do mundo inteiro, e muitas famílias tiveram grandes perdas. Graças a Deus estamos passando esse momento e minha família está bem.</i>
A ₈	<i>A carga de trabalho de uma mulher sozinha é muito puxada, e na pandemia então isso aumentou.</i>
A ₉	<i>Meu emocional ficou muito abalado, perdi pessoas queridas. A vida corrida e com o trabalho e os estudos acabamos nos sobrecarregando e isso acaba levando ao estresse.</i>
A ₁₀	<i>Normal ter um pouco de estresse, é algo que faz parte, ainda mais quando se é mãe e tem que cuidar dos filhos e da casa. Na maioria do tempo, é em momentos assim que você precisa de um tempo para si.</i>
A ₁₁	<i>Muitas vezes dá vontade de parar de estudar, ainda o emocional está bastante afetado. Com essa pandemia veio diversas mudanças, onde nós éramos obrigados a se adaptar a e isso afetava no trabalho e dentro de casa.</i>
A ₁₂	<i>A pandemia me ocasionou estresse emocional, pois não podia sair de casa. Não tinha aula e nem trabalho.</i>

A ₁₃	Muito estresse sim, não só isso, mas também a preocupação sobre o vírus que chegou e mudou totalmente nossa rotina, no trabalho e em casa.
A ₁₄	Querendo ou não o emocional é abalado por conta que ficamos sobrecarregados de trabalho, tanto doméstico, como trabalhos fora de casa, sem contar filho, escola, igreja e muito mais.

A pandemia em si já foi um grande desafio, e ainda mais para as mulheres que têm que enfrentar uma dupla, às vezes tripla jornada de trabalho, que é o caso das participantes da entrevista. A conciliação de todos os afazeres se tornou difícil, pois intensificou o acúmulo de tarefas e conseqüentemente, uma sobrecarga emocional. Além do medo do próprio vírus como diz a entrevistada A4 em sua fala: “[...] *tinha que tomar banho com álcool [...]*”. Todas essas circunstâncias juntas ao mesmo tempo geram estresse e podem ser gatilhos para abalar o emocional.

As mulheres desde os tempos passados sofreram as conseqüências de uma sociedade tradicionalmente patriarcal e machista, assinalada pela desigualdade de gênero. Com base nesses pressupostos, perguntou-se às acadêmicas: **Em algum momento de sua vida já se sentiu inferiorizada por ser mulher, ou foi discriminada?** As respostas estão descritas no quadro 9.

Quadro 9. Já se sentiu inferiorizada por ser mulher? Fonte: Acadêmicas de Pedagogia da FAI (Itaituba/PA, 2022).

Acadêmicas	Relato das participantes da pesquisa
A ₁	<i>Sim, qualquer mulher já teve pelo menos um momento que seja de discriminação.</i>
A ₂	<i>Sim, principalmente por gostar de aprender, de gostar de futebol, sofri esse preconceito dentro de casa.</i>
A ₃	<i>Não, nós mulheres já conquistamos nosso espaço e somos capazes de superar os desafios e as dificuldades encontradas em nossa sociedade e em nosso dia a dia.</i>
A ₄	<i>Sim, diversas vezes, quando ingressei no ensino superior, muitas pessoas falavam que eu não iria conseguir.</i>
A ₅	<i>Sim, em relação a ser mãe solteira, ainda passo por preconceitos e constrangimentos.</i>
A ₆	<i>Sim, muitas vezes aconteceu de ser discriminada por ser indígena e julgavam que eu não era capaz de fazer tal trabalho.</i>
A ₇	<i>Sim, no mercado de trabalho, já trabalhei em um local onde eu exercia a mesma função que um homem e tinha um salário menor.</i>
A ₈	<i>Já fui muito inferiorizada, isso não é fácil, por diversas vezes pensei que isso não ia passar.</i>
A ₉	<i>Sim, teve momentos, mas já me posicionei bastante sobre isso e nunca me deixei abalar.</i>
A ₁₀	<i>Não, em nenhum momento.</i>
A ₁₁	<i>Sim, diariamente a mulher é inferiorizada e discriminada só por ser mulher.</i>
A ₁₂	<i>No trabalho, pois nós ganhamos menos que os homens.</i>
A ₁₃	<i>Às vezes em determinado lugar, nós mulheres sofremos isso.</i>
A ₁₄	<i>Para ser sincera não, nunca ocorreu algo parecido.</i>

É nítido que a desigualdade de gênero e de outros preconceitos seguem vitoriosos e conscientes. Diversas mulheres ainda são vítimas de preconceitos e há muito a ser feito para diminuir essa desigualdade, podemos observar no relato da acadêmica A6: *“Sim, muitas vezes aconteceu de ser discriminada por ser indígena e julgavam que eu não era capaz de fazer tal trabalho”*. Essa diferença está enraizada em nossa sociedade sob a forma de machismo.

Apesar de ser nítido que as mulheres são a maioria nas universidades pode ser observado que as mesmas sofrem preconceitos somente pelo fato de serem mulheres, além de terem dificuldades para se inserirem no mercado de trabalho, os afazeres dentro de suas casas trazem limitações mesmo para as mulheres que já tem seu espaço e seus empregos fora de casa, tendo assim que lidar com a diferença de salários.

Observa-se com as respostas das entrevistadas que essa discriminação acontece com frequência e em ambientes diferentes, mas muito já foi mudado em relação a isso, essa desigualdade está sendo enfrentada, sendo que é preciso olhar para o passado e estabelecer um parâmetro de mudanças.

Desde o ano de 2020 estamos vivenciando um cenário pandêmico. Desse modo, foi perguntado às colaboradoras da pesquisa: **De alguma forma, a pandemia influenciou em sua vida maternal, acadêmica e no seu trabalho?** O quadro 10 traz as respostas das entrevistadas.

Quadro 10. A pandemia influenciou em sua vida maternal, acadêmica e no seu trabalho? Fonte: Acadêmicas de Pedagogia da FAI (Itaituba/PA, 2022).

Acadêmicas	Relato das participantes da pesquisa
A ₁	<i>Através da pandemia, nossos estudos foram atrasados, no trabalho o aumento da responsabilidade, pois você tinha que encontrar uma nova forma de trabalhar.</i>
A ₂	<i>Tive que ser forte, porque como mãe solteira, com a pandemia bateu um medo, olhava para os meus filhos onde buscava forças para conciliar casa, trabalho e os estudos.</i>
A ₃	<i>Sim, pelo fato da preocupação sobre pegar o vírus e transmitir a família.</i>
A ₄	<i>Sim, o medo se espalhou por todos os lados, não sabíamos onde era seguro, isso nos abalou profundamente tanto na família, no trabalho e na vida acadêmica.</i>
A ₅	<i>Sim, em todos sofremos uma grande influência, pois passei por dias ruins de grandes dificuldades em minha vida profissional, pessoal, materna.</i>
A ₆	<i>Sim, no meu trabalho, tive que paralisar na Faculdade pois o curso foi suspenso e acabamos nos atrasando.</i>
A ₇	<i>Sim, fiquei com muito medo, tive cuidado exagerado, e no trabalho passei seis meses sem trabalhar.</i>
A ₈	<i>Não soufrí nenhuma influência.</i>

A ₉	<i>Somente na minha vida de trabalho e acadêmica, por conta da pandemia passamos um semestre sem estudar e no trabalho foram aulas remotas e isso foi bem complicado.</i>
A ₁₀	<i>Não sofri impactos da pandemia na minha vida.</i>
A ₁₁	<i>Sim, ocorreram diversas mudanças por conta da pandemia. Os cuidados de não pegar o vírus. E diversas regras estabelecidas dentro da empresa.</i>
A ₁₂	<i>Sim, pois meu filho acostumou comigo em casa durante a pandemia, e agora na hora de voltar ele ficou abalado.</i>
A ₁₃	<i>Sim, essa pandemia veio para destruir todos os nossos sonhos.</i>
A ₁₄	<i>A pandemia teve influência na vida de muitas pessoas, em relação a minha tive que me adaptar as novas normas, tive que conciliar meu trabalho com a Faculdade.</i>

Ao analisarmos o contexto da Pandemia da Covid-19 é perceptível sua influência na vida das entrevistadas. Muitas foram afetadas pelo fato de ficar muito tempo confinado e isso desenvolveu efeitos psicológicos e emocionais. A preocupação com o futuro, com os filhos e com a família, fez com que muitas delas perdessem o controle sobre a situação. As mães foram as mais afetadas pela sobrecarga de trabalho doméstico, familiar e pela redução do tempo de lazer. Todas foram enfáticas em afirmar que a pandemia do Novo Corona vírus influenciou de forma considerável no cotidiano de suas atividades.

As mulheres mães ficaram responsáveis por direcionar não só a educação informal como também a educação formal dos filhos, ficou responsável por adaptar dentro de suas casas todas as ocupações que antes eram distribuídas em diversos ambientes. Concluindo a pesquisa com as acadêmicas de Pedagogia que são mães e trabalhadoras foi indagado: **Qual suas expectativas para o futuro?** O quadro 11 traz o relato das participantes da pesquisa.

Quadro 11. Expectativas para o futuro. Fonte: Acadêmicas de Pedagogia da FAI (Itaituba/PA, 2022).

Acadêmicas	Relato das participantes da pesquisa
A ₁	<i>Que possamos finalmente ganhar espaço na sociedade, uma sociedade livre de preconceitos e uma sociedade igualitária.</i>
A ₂	<i>Buscar sempre o melhor, mudar quando não estiver certa e ter um futuro de prosperidade e saúde.</i>
A ₃	<i>As melhores possíveis. Deus no comando.</i>
A ₄	<i>Não parar só na graduação e sim continuar buscando conhecimento para complementar minha carreira.</i>
A ₅	<i>Formada, mestranda, doutoranda e com um emprego bom para poder desenvolver todo o meu conhecimento.</i>
A ₆	<i>Ser uma empreendedora de sucesso e passar em um concurso público.</i>
A ₇	<i>Concluir a faculdade e continuar estudando.</i>
A ₈	<i>Me formar, ter um serviço bom e digno para cuidar dos meus filhos.</i>
A ₉	<i>Que essa pandemia passe, que essa desigualdade entre gêneros acabe e as mulheres estejam onde quiserem.</i>
A ₁₀	<i>Exercer a minha profissão, estar bem financeiramente e conquistar o que almejo.</i>

A ₁₁	<i>Tenho expectativas grandes, onde eu consiga conquistar muitos objetivos, e que todos eles sejam realizados.</i>
A ₁₂	<i>Que Deus possa me abençoar e que minha vida profissional possa melhorar.</i>
A ₁₃	<i>Ser uma excelente profissional.</i>
A ₁₄	<i>Espero uma carreira profissional satisfatória. Quero uma humanidade mais consciente de que suas ações têm consequências. Que minha família continue sendo abençoada.</i>

No contexto da pergunta acima, as mulheres escrevem suas objetivações quanto ao futuro e fica claro os anseios por melhorar as condições de igualdade no trabalho, ampliar suas formações para o aperfeiçoamento dos conhecimentos e da profissão que exercem. Também evidenciam o desejo de que haja uma superação das discriminações, dos abusos do machismo que as massacra em suas profissões, em sua liberdade de expressão de forma geral. Almejam ainda alcançar estabilidade financeira para ofertar conforto e proteção a sua família.

O pensamento de um futuro melhor, o sonho de concluir os estudos, de prosseguirem em suas formações e de dar um futuro melhor para suas famílias as motivam ainda mais para seguirem suas carreiras e o seus sonhos após a conclusão do ensino superior. Na fala da A1 pode-se perceber isso: *“Que possamos finalmente ganhar espaço na sociedade, uma sociedade livre de preconceitos e uma sociedade igualitária”*. Observou-se que o objetivo da maioria é que o mundo tenha um olhar para competências, talentos e não para gêneros, sabendo que pessoas possuem capacidades singulares que devem ser respeitadas.

Observando esses últimos relatos o que se constata é que, ainda estão enraizados na sociedade ideias preconceituosas que afetam o bem-estar físico e mental de muitas mulheres no âmbito da justiça de proteção aos direitos principalmente os trabalhistas, ainda há muito que se fazer para encontrar e exigir na prática que, a igualdade entre os gêneros seja de fato real e não apenas um desejo ainda não alcançado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo foi possível observar que a sociedade se baseava na divisão de trabalho, onde as atividades femininas já eram fundamentais para a geração de renda, porém não era reconhecida. Quanto à contribuição silenciosa e absolutamente discreta da mulher era completamente aceitável e exigida, o que era inadmissível para elas era se expressar publicamente ou desempenhar alguma função que fosse fora do lar. No decorrer do tempo, da evolução da produção industrial e da guerra, os fatores que obrigavam a contratação do trabalho feminino por ser uma mão de obra mais barata e com carga de trabalho maior.

Ao longo da história e da evolução chegaram as mídias sociais a partir da década de 1920 que possibilitou a exposição de sua fala, no entanto, lhes foram proibidos assuntos que não fosse estritamente feminino e até seus gestuais deveriam ser delicados e essencialmente recatados. Apesar da perspicácia foram utilizando a favor da divulgação de direitos e visibilidade de ideias. Contudo, o machismo é enraizado e tendencioso na sociedade que coloca a mulher como objeto de desejo e material de consumo expondo seu corpo verbal e fisicamente para chamar a atenção do público masculino de uma forma abusiva.

Apesar de prosseguirem com o controle e a exposição negativa de imagem feminina como se as mulheres fossem positivas apenas em atributos físicos e sexuais com total desprovimento de pensamento intelectual, elas continuaram suas manifestações em busca de provar o contrário e seguiram na luta por igualdade de trabalho referente à remuneração e carga de trabalho menos explorativa.

O que se seguiu com a luta pelo direito ao voto que durou por anos e várias tentativas de derrubar as restrições e controles masculinos, logo após veio as garantias quanto à maternidade com a licença remunerada. No decorrer das conquistas e evoluções históricas alguns direitos primordiais foram conquistados. A mulher ainda não goza em toda plenitude de seus direitos, mas as lutas estão dando a elas avanços significativos e indispensáveis.

Com as mudanças que ocorreram diante da pandemia da Covid-19 foram observadas que a jornada de trabalho das mulheres, que já era dupla, foi totalmente triplicada diante da rotina que já possuíam. No mercado de trabalho, apesar do empenho das mulheres em desenvolver os mesmos trabalhos que os homens, sua renda são menores em relação ao salário recebido por eles.

Com base na pesquisa realizada com as acadêmicas de Pedagogia da Faculdade de Itaituba, pode-se observar que a relação entre filhos e carreira é um dos maiores desafios enfrentados por elas, pois conciliar a vida profissional com a vida materna é uma tarefa muito difícil. A mulher estudante de ensino superior enfrentou diversos problemas: exigências dos professores em trabalhos, a falta de tempo para a execução das atividades, insuficiência de tempo e de habilidades para a leitura dos textos e a assiduidade às aulas.

Evidencia-se a realidade desses desafios que são diversos, pois trabalhar fora do lar e ainda assim se fazer presente na vida dos filhos não é uma tarefa fácil. Ser mãe requer muito do tempo delas, mas nota-se que o trabalho também é essencial para o sustento de ambos, e essa conciliação se torna bem difícil.

Constatou-se também que a experiência de ser mãe, estudante e ainda trabalhar possibilitou às acadêmicas vivenciarem diferentes sentidos nessa tríplice jornada imputada às mulheres, principalmente no período pandêmico, sendo que algumas sentem mais o desafio de deixar os filhos em casa para irem estudar. O fato de não poderem se dedicar a suas famílias gerou sentimentos conflitantes.

A conciliação se tornou difícil com a pandemia da Covid-19, pois, tiveram o acúmulo das atividades e o medo do próprio vírus, e com isso veio a sobrecarga de trabalho e o abalo emocional, mas tudo isso foi vencido com muito incentivo e determinação.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Everton Marinho de; SANTOS, Emerson Mayk Cristiano dos; LIMA, Marcilene de Souza. **A música como veículo influenciador na construção do Ethos Feminino**. Universidade Estadual da Paraíba. UEPB – Pedagogia – Centro de humanidades. 2018.

ALMEIDA, Flávia Leme de. **Mulheres Recipientes**: recortes poéticos do Universo Feminino nas artes visuais. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 238 p.

AMARAL, Adriane Nascimento; HENKES, Jairo Afonso. Uma análise da evolução Profissional da mulher no mercado de aviação civil no Brasil. **R. Bras. AV. Civil. Ci. Aeron.** Florianópolis, V.1, n.1, p. 209-238, abril de 2021.

AMARAL, Grazielle Alves; VIEIRA, Adriane. A mulher e a tripla jornada de trabalho: a arte de ser Beija-Flor. **XXXIII encontro da ANPAD**. São Paulo: SP, 19 a 23 de setembro de 2009.

ANDRADE, Aline Ricelli Gonçalves; SOUZA, Thalita Grazielle Pereira de. **O impacto da violência doméstica na vida da mulher que exerce o trabalho remoto em tempos de pandemia de Covid-19**. Curso de Direito da Faculdade de Contagem. 2020.

ATAÍDE, Cintia A.; SILVA, Alene M. F. Sanches; SILVA, Marcelo R. Santos da. **Um estudo preliminar sobre o Impacto da Covid-19 na educação básica**: o olhar da família sobre os desafios do ensino remoto. Centro Cultural de Exposições Ruth Cardoso, Maceió: AL, 2020.

BASTOS, Alice; NEVES, Andressa; ROSSAROLA, Ludy; ABBUD, Mariana; BRANDÃO, Mariana. As conquistas das mulheres na sociedade patriarcal. **Jornal Eletrônico**. Faculdades Integradas Vianna Júnior. Ano VIII. Ed. Especial, Dez, 2016.

BARROS, Ricardo Paes de; MACHADO, Laura Muller. **Legado para a ordem social**. Parte 1. Legado de uma Pandemia: 26 vozes conversam sobre os aprendizados para política pública. Rio de Janeiro, RJ: autografia, 2021.

BLAY, Eva Alterman. 8 de março conquistas e controvérsias. **Revista Estudos feministas** (Online). Estudos feministas. 2º semestre, São Paulo, 2001.

BONFIM, Cláudia. **A condição histórica da mulher**: contribuição da perspectiva histórica – crítica na produção da educação sexual emancipatória. Uberlândia: Navegando Publicações, 2018.

BRASIL. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 24 de fevereiro de 1981**. Brasília: Senado Federal, 1981.

BRASIL. **Constituição Política do Império do Brasil de 25 de março de 1824**. Brasília: Senado Federal, 1824.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1967**. Brasília: Senado Federal, 1967.

BRASIL. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 16 de julho de 1934**. Brasília: Senado Federal, 1934.

BRASIL. **Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016**. Brasília: Senado Federal, 2016.

BRASIL. Consolidação das Leis do Trabalho. **Decreto-Lei nº 5.442, de 01 de maio de 1943**. Brasília: Senado Federal, 1943.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Decreto – Lei nº 1.338, de 23 de julho de 1974**. Brasília: Senado Federal, 1974.

CARRANZA, Kátia Augusto Coutinho. **Educação da mulher no Brasil e magistério**. TCC, FSLF, Faculdade São Luiz de França, Aracaju, 2016.

D'ALKMIN, Sônia Maria; AMARAL, Sérgio Tibiriçá. A conquista do voto feminino no Brasil. ETIC – **II Encontro de Iniciação Científica e I Encontro de Extensão Universitária**. Vol.2, nº 2, 2006.

DEL PRIORE, Mary. **Sobreviventes e guerreiras: uma breve história das mulheres no Brasil: 1500-2000**. São Paulo: Planeta, 2020.

DOTTA, Alexandre Sodoy; TOMAZONI, Larissa Ribeiro. A condição da mulher no espaço educacional Brasileiro: aspectos históricos sociais da trajetória feminina. **EDUCERE XII Congresso Nacional de educação**. Curitiba, 2015.

FARIA, Nalú; NOBRE, Miriam. **O que é ser mulher? O que é ser homem?** 1º Módulo do curso Regional Centro Oeste de Formação de Educadores e Educadoras em Concepção e prática Sindical e em Metodologias – Brasília (DF), 06 a 12 de agosto de 2007.

FRANÇA, Ana L.; SCHIMANSKI, Édina. **Mulher, trabalho e família: uma análise sobre a dupla jornada feminina e seus reflexos no âmbito familiar**. Emancipação, TCC do Curso de Serviço Social da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Paraná, 2009.

GODINHO, Tatal. Mulheres brasileiras: reinventando a vida, a cultura. Cap. 13. In: ASSIS, Maria E. Arruda de; SANTOS, Taís Valente dos (org.). **Memória feminina: mulheres na história, história de mulheres**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2016.

GOMES, Lídia Laís Balbino. **Mulher, mãe e universitária: desafios e possibilidades de conciliar a maternidade à vida acadêmica**. Pesquisa de TCC do Curso de Bacharelado em Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2020.

GONZÁLEZ, Ana Isabel Álvéz. **As origens e a comemoração do dia internacional das mulheres**. 1ª edição. Editor Expresso Popular. SOF – Sempre viva Organização Feminista. São Paulo, 2010.

LOPES, Amanda Resende. **Representação da mulher na mídia: um estudo sobre poder e felicidade feminina**. Rio de Janeiro, 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo). UFRJ, ECO. 2017.

LOUREIRO, Carolina Piazzarollo, 1988. **Corpo, beleza e auto-objetivação feminina**. Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil. 2014.

LIMA, Andressa Lidicy Moraes; MORAES, Lorena L. de. A pandemia de covid-19 na vida de mulheres brasileiras. **Revista Inter-Legere**. V.3. Rio Grande do Norte, 2020.

MACÊDO, Shirley. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia Covid-19: tecendo sentidos. **Revista NUFEN**, Belém, v.12, n.2, p.187-204, agosto. 2020.

MACIEL, Dionéia Edlyng. O acesso da mulher à educação formal no Brasil. **Anais do 7º Congresso Paranaense de Assistentes Sociais**. Ponta Grossa, Paraná – 2019.

MARQUES, Tatyane Gomes; TEIXEIRA, Adla Betsaida Martins; GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. As mais pouco escolarizadas como suporte para jovens da roça terem acesso e permanecerem no ensino superior. **Educação em revista**. BH, v. 36, 2020.

MULLER, Maria C.; BESING, Márcia. A trajetória histórica da mulher no Brasil: da submissão à cidadania. **Revista Augustus**. Rio de Janeiro, v 23, n. 45. Jan/Jun. 2018.

OIT. **Organização Internacional do Trabalho**. Disponível em: <http://www.oitbrasil.org.br>. Acesso em 17 Dez. 2021.

OLIVEIRA, Laís Paula Rodrigues de; CASSAB, Latif Antônia. O movimento feminista: algumas considerações bibliográficas. **Anais III simpósio gênero e políticas públicas**, Universidade Estadual de Londrina, 27 a 29 de maio de 2014.

OLIVEIRA, Daniele Lopes; CABRAL, Elisandra Barbosa. A música e sua influência na propagação de conceitos discriminatórios, ofensivos e banalização do papel da mulher: um estudo sob o olhar da psicanálise. **Anais da Semana de ciência e tecnologia da PUC, Goiás**, 2014.

PEREIRA, Sandra de O. Gomes; NUNES, Juraildes B. A presença das mulheres no ensino superior e o papel das políticas de permanência das universidades federais brasileiras. **Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**. 2 a 7 de dezembro de 2018. Tocantins, 2018.

PEREIRA, Rodrigo R.; DANIEL, Teófilo Tostes. O voto feminino no Brasil. **Boletim Informativo da PRR/3ª Região**, São Paulo, 06 de mar. 2009. Edição especial.

PRATES, Paulo Roberto. Mulheres Médicas. **Revista da Sociedade de Cardiologia do Rio Grande do Sul**. Ano XVI nº15 Set/Out/Nov/Dez, 2008.

RODRIGUES, Milene dos Santos. **A influência da mídia na cultura do estupro e seus efeitos sociais**. 13º Encitec 2017. Criar, inovar, empreender – Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz – FAC. 2017.

SOUTO, Bárbara F. Francisca Senhorinha da Motta Diniz e a inserção das mulheres no espaço público: imprensa, educação e feminismo no Brasil oitocentista. In: ASSIS, M. E. Arruda de; SANTOS, Taís V. dos (org.). **Memória feminina: mulheres na história, história de mulheres**. Recife: Fund. Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2016.

SCHAUN, Angela; SCHWARTZ, Rosana. **O corpo feminino na publicidade: aspectos históricos e atuais**. IV comcult – Cultura da Imagem. Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, 12 a 15 de novembro, 2008.

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. Mulher e trabalho – A história de vida de mães trabalhadoras de enfermagem. **Revista Latino-Am. Enfermagem**. Ribeirão Preto, v. 11, n.5, p.593-600, outubro de 2003.

SILVA, Jessica M. da; ARAÚJO, Luana de; SILVA, Michelly Maia; PAIVA, Maria S. de. **A influência da Mídia na construção do feminino: O caso “Bela, Recatada e do Lar”**. XVIII congresso de ciências da comunicação na Região Nora impressão deste – Caruaru – PE - 07 a 09/07/2016.

SILVA, Juliana M. Santos. **Interseccionalidades e maternidade na Universidade Federal da Bahia**. 16º seminário nacional de história da ciência e da tecnologia. UFCG/ UEPB, Campina Grande, Paraíba. 15 a 18 de outubro, 2018.

SILVA, Maria Clara R. da F.; GUEDES, Cristiano. Redes sociais e ativismo materno: desafios entre estudantes de uma universidade pública. **Revista Katál**. Florianópolis, Santa Catarina. v. 23, nº 3, p. 470 – 479, set/dez, 2020.

SILVEIRA, Isabel Oreste; RABINOVICH, Nora Rosa. A imagem da mulher na mídia impressa brasileira e sua idealização na cultura. Fazendo gênero 9, **Diásporas, Diversidade, Deslocamentos**. São Paulo, SP, 23 a 26 de agosto de 2010.

SIMÕES, Fátima Itsue Watanabe; HASHIMOTO, Francisco. Mulher, Mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. **Revista vozes dos valores da UFVJM**: publicações acadêmicas. MG – Brasil – nº 02. 10/2012.

SOUZA, Ataíde R. M. de; LOPES, Cibele A.; SIMÕES, Mirely A.; BONORINO, Elaine B. Implicações da maternidade no mercado de trabalho da mulher. **Revista Esfera acadêmica humanas**. vol.4, nº 2, 2019.

VIEIRA, Adriane; AMARAL, Grazielle Alves. A arte de ser beija-flor na tripla jornada de trabalho da mulher. **Saúde soc.** São Paulo, v. 22, 2013.

XAVIER, Ana L. R.; SILVA, Jonadab S.; ALMEIDA, João Paulo C. L.; CONCEIÇÃO, Johnatan F.; LACERDA, Gilmar S.; KANAAN, Salim. **Covid-19: Manifestações clínicas e laboratoriais na infecção pelo novo coronavírus**. Laboratório Multiusuário de apoio à pesquisa em Nefrologia e ciências médicas, UFF, Niterói, RJ, Brasil, 2020.

APÊNDICE -
QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS ACADÊMICAS DE PEDAGOGIA DA FAI

FACULDADE DE ITAITUBA CURSO: PEDAGOGIA
ACADÊMICA: THAMIRES BARBOZA RODRIGUES

Cara acadêmica, com o objetivo de realizar um estudo (monografia de graduação) para conhecer os desafios vivenciados pelas acadêmicas da Faculdade de Itaituba, considerando o contexto da Pandemia da Covid-19, solicitamos sua opinião com sinceridade às questões abaixo. Agradecemos a atenção dispensada!

Identificação:

- a) Qual sua Idade? _____
- b) Quantos filhos você tem? _____
- c) Ano que concluiu o ensino médio: _____
- d) Ano de ingresso no ensino superior: _____
- e) Qual sua atividade profissional atualmente? _____

1. O que é ser Mulher?

2. O que representou para você ingressar no ensino superior?

3. Quais as pessoas que lhe influenciaram na escolha do curso?

- | | |
|------------------------------------|----------------------------------|
| () Pai | () Outras pessoas da família |
| () Amigos | () Mãe |
| () Marido/Namorado/Companheiro | () Irmãos |
| () Outros. Quais? _____ | |

4. Quais os desafios vivenciados por você no ensino superior? Teve dificuldades com a metodologia do professor? Ou no relacionamento com colegas e professores?

5. Durante estes anos na Faculdade, como você conciliou trabalho, estudos e família?

6. Já aconteceu de chegar o dia de você apresentar um trabalho ou fazer uma prova e você não conseguiu estudar ou que chegou à aula e você não conseguiu ler o texto daquele dia?

() SIM () NÃO () ÀS VEZES () SEMPRE

Justifique:

7. Considerando o contexto da Pandemia da Covid-19, como ficou a questão do seu emocional? Quando pesa sobre você uma carga tão grande, a carga daquele peso de consciência, a carga do trabalho doméstico, a carga do trabalho profissional. Tem algum momento que dá, assim, um estresse?

8. As mulheres desde os tempos passados sofreram as consequências de uma sociedade tradicionalmente patriarcal e machista, assinalada pela desigualdade de gênero. Em algum momento de sua vida já se sentiu inferiorizada por ser mulher, ou foi discriminada?

9. Vivenciamos um cenário pandêmico desde 2020. De alguma forma, a pandemia influenciou em sua vida maternal, acadêmica ou no seu trabalho?

10. Qual suas expectativas para o futuro?

**** Agradecemos a colaboração nessa pesquisa!